



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO SOCIEDADE  
E CULTURA NA AMAZÔNIA



ELISÂNGELA MONTEIRO TEIXEIRA

**A DINÂMICA FIGURACIONAL NA NEGOCIAÇÃO DO PESCADO DA FEIRA DA  
PANAIR NA CIDADE DE MANAUS-AM**

Manaus – AM  
2023

**ELISÂNGELA MONTEIRO TEIXEIRA**

**A DINÂMICA FIGURACIONAL NA NEGOCIAÇÃO DO PESCADO DA FEIRA DA  
PANAIR NA CIDADE DE MANAUS-AM**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas. Área de concentração: Processos Socioculturais na Amazônia. Linha de pesquisa 2: Redes, processos e formas de conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Gláucio Campos. Gomes de. Matos

Manaus – AM  
2023

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

T266d	Teixeira, Elisângela Monteiro A dinâmica figuracional da negociação do pescado na feira da Panair na cidade de Manaus-AM / Elisângela Monteiro Teixeira . 2023 97 f.: il.; 31 cm.  Orientador: Gláucio Campos Gomes de Matos Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.  1. Figuração. 2. Consumidores. 3. Feira. 4. Panair. 5. Manaus. I. Matos, Gláucio Campos Gomes de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título
-------	---

**ELISÂNGELA MONTEIRO TEIXEIRA**

**A DINÂMICA FIGURACIONAL NA NEGOCIAÇÃO DO PESCADO DA FEIRA DA PANAIR NA CIDADE DE MANAUS-AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas.

**Área de concentração:** Processos Socioculturais na Amazônia.

**Linha de pesquisa 2:** Redes, Processos e Formas de Conhecimento

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professor Doutor. Gláucio Campos Gomes de Matos (Presidente)  
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

---

Professor Doutor Odenei de Souza Ribeiro. (Membro)  
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

---

Professor Doutor Cleiton Ferreira Maciel Brito. (Membro Externo)  
Professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

---

Professor Doutor Allan Soljenitsin Barreto Rodrigues (Suplente)  
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

---

Professor Doutor Michel Justamand (Suplente)  
Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

## DEDICATÓRIA

*À minha família, por sua capacidade de acreditar e investir em mim. Vó, seu amor e dedicação foi que deram, em alguns momentos, a esperança para seguir, sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada.*

*Aos meus amigos, pelas alegrias, tristezas e ansiedades partilhadas. Com vocês, as pausas para um café entre um parágrafo e outro de produção melhora tudo o que tenho produzido na vida.*

*Ao Curso de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e às pessoas com quem convivi nesses espaços ao longo desses anos. A experiência de uma produção compartilhada na comunhão com amigos nesses ambientes foram a melhor fase da minha formação.*

*A todos que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.*

*Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, aos meus pais biológicos, Wilson Barros (in memoriam) e Maria, minhas irmãs Sergiane, Katiane, Patrícia, Marta, Débora, Sandra e Aderaldo que falta vocês me fazem!!! E meus dois preciosos sobrinhos Nicholas e Letícia meus melhores e maiores presentes.*

*E o que dizer a você avó, mãe do coração, Neuza Monteiro? Obrigada pela paciência, pela dedicação, pela força e principalmente pelo amor incondicional.*

*Valeu a pena toda distância, todo sofrimento, todas as renúncias... valeu a pena esperar... atualmente estamos colhendo, juntas, os frutos do nosso empenho! Esta vitória é muito mais sua do que minha, pois lhe devo todo cuidado por toda minha existência.*

*Agradeço ao mundo por mudar as coisas, por nunca as fazer serem da mesma forma, pois assim não teríamos o que pesquisar, o que descobrir e o que fazer, pois, através disto, consegui concluir a minha dissertação.*

*Quero agradecer também aos meus filhos, Carolina Cavalcante e Vinícius Cavalcante, que embora não tivessem conhecimento disto, mas iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais informações.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Aos meus filhos, Carolina e Vinícius, que sempre me apoiaram de maneira irrestrita em tudo que já me propus a fazer na vida, não sendo diferente em meu desejo de sair todos os dias, ausente de casa e de minha zona de conforto, e passar mais tempo fora para cursar este programa de mestrado.*

*Às minhas amigas, Adriana Uchôa, Carla Silvane, Vanessa Araújo, Iracema, Waldeliz Freitas e Romilda Guerreiro que auxiliaram e apoiaram minha caminhada de pesquisa, sem a qual não seria possível a realização desse mestrado.*

*Ao meu orientador, Gláucio Campos Gomes de Matos, pelo conhecimento compartilhado, apoio e compreensão em relação às minhas limitações durante a realização da pesquisa. Aos meus colegas de trabalho da Fundação de Medicina Tropical e Sasmet, que compreenderam meus momentos de cansaço e me apoiaram nos últimos meses de redação desse trabalho.*

*Aos meus colegas de turma do mestrado, que ao longo do programa se tornaram verdadeiros amigos e com os quais não só aprendi muito, mas também obtive apoio nos momentos acadêmicos mais difíceis.*

*Por fim, mas não menos importante, a minha família, especialmente minha avó Neuza, meus tios Teixeira, Rosa Amélia, Valéria, Vanda e Élcio, sem o apoio dos quais eu não teria conseguido suportar a distância da minha casa e a pesada rotina de estudos e trabalho dos últimos dois anos. Agradeço imensamente a compreensão, pela ausência em momentos importantes e pela falta de energia e tempo para vê-los, sobretudo durante a fase final da pesquisa.*

## EPÍGRAFE

*Quero para o café, tucumã quero para almoçar,  
tambaqui sobremesa, vai jatobá rede para embalar e  
dormir – Coari foi peixe boi quem me ensinou nadar  
nas correntezas remar na proa usar o arpão sem ferir,  
apaga essa poronga curumim hoje é lua-cheia e faz  
clarão pirarucu, pirão águas baixando chegou o verão.*

*(Raízes Caboclas).*

## RESUMO

O trabalho que ora se apresenta busca uma análise da figuração na negociação do pescado na Feira da Panair na cidade de Manaus a partir da reflexão dos ambientes em que os agentes sociais comercializam o pescado na finalidade de entender como ocorre o funcionamento e comércio do pescado no lócus da pesquisa, conhecer sobre o embarque e desembarque no Terminal de Cargas Geral e Pesqueiro da cidade de Manaus-TCGPM, compreender ainda, como a Associação dos Feirantes da Panair-AFP se organizam em relação à logística de embarque, desembarque do pescado. Após ida a campo, da observação direta e recolha de factos (metodologia etnográfica), de abordagem qualitativa, registrada pelas manifestações da realidade, implícitas e explícitas de 17 participantes, bem como feirantes, despachantes, pescadores, proprietários de embarcação, permitiu amostragens e interações com a pesquisadora entre 5 e 7 de janeiro a 14 de fevereiro de 2023 com os observados. Essa interação, permitiu perceber a história dos indivíduos, suas práticas, seus hábitos, suas funções, permitindo-nos saber que a feira não é a grande responsável pela comercialização do peixe e sim o Terminal Pesqueiro/Balsa de Ferro, e que a Associação dos Feirantes/Flutuante de Madeira, não comercializa em grande escala, porque sua funcionalidade se direciona para o desembarque e embarque de pessoas e hortifrutigranjeiros. Em última análise, estes resultados confirmaram o descaso do Poder Público com o setor da pesca, uma vez que o TCGPM, o maior da calha do Solimões/Balsa de Ferro, foi privatizado no ano de 2022, e não foi comunicado aos principais envolvidos, isto é, quem sobrevive da renda da pesca. A dinâmica figuracional na negociação do alimento mais consumido na cidade manauara, objetiva um estudo no local, mas que também levou em conta os elos portuários próximos a ela. São estes lugares que recebem os barcos de pescas e de recreio, balsa frigoríficas, por meio dos quais os produtos são embarcados, desembarcados. Os despachantes e proprietários de barcos negociam no atacado o produto nas bancas de leilões (Terminal pesqueiro), e no varejo (Panair e Associação). Ambos são pontos de partida para o comércio, distribuição, carregamento até chegar aos consumidores e pequenos restaurantes, próximos ao local, frigoríficos de Manaus e municípios do Estado e estados como Porto Velho.

**Palavras-chave:** Figuração. Consumidores. Feiras. Panair. Manaus



## ABSTRACT

The work presented here seeks to analyze the figuration in the negotiation of fish at the Feira da Panair in the city of Manaus, based on the reflection of the environments in which social agents sell fish in order to understand how the functioning and commercialization of fish occurs in the locus of research, learn about boarding and disembarking at the General Cargo and Fishing Terminal in the city of Manaus TCGPM, also understand how the Panair Marketers' Association-AFP organizes itself in relation to the logistics of boarding and unloading fish. After going to the field, direct observation, and collection of facts (ethnographic methodology), with a qualitative approach, recorded by the implicit and explicit manifestations of reality from 17 participants, as well as market traders, dispatchers, fishermen, boat owners, it allowed sampling and interactions with the researcher between January 5th and 7th to February 14th, 2023, with those observed. This interaction allowed us to understand the history of individuals, their practices, their habits, their functions, allowing us to know that the fair is not largely responsible for the commercialization of fish, but rather the Fisheries Terminal/Balsa de Ferro, and that the Association of stallholders/Floating Wood, does not sell on a large scale, because its functionality is aimed at the disembarkation and embarkation of people and fruit and vegetables. Ultimately, these results confirmed the public authorities' disregard for the fishing sector, since the TCGPM, the largest in the Solimões/Balsa de Ferro channel, was privatized in 2022, and was not communicated to the main parties involved, that is, whoever survives on income from fishing. The figural dynamics in the negotiation of the most consumed food in the city of Manaus, aims to be studied on site, but which also considered the port links close to it. These are the places that receive fishing and recreational boats, refrigerated ferries, through which products are loaded and unloaded. Dispatchers and boat owners negotiate the product wholesale at auction stands (Fishing Terminal) and at retail (Panair and Association). Both are starting points for commerce, distribution, loading until reaching consumers and small restaurants, close to the site, meatpacking plants in Manaus and municipalities in the State and states such as Porto Velho.

**Palavras-chave:** Figuration. Consumers. Fairs. Panair. Manaus

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Terminal Aquaviário.....	25
Figura 2- Hidroaviões catalinas da PanAir.....	26
Figura 3- Tablado/Parte externa G5.....	31
Figura 4- Boxe/ G4.....	33
Figura 5- Boxe/ G3.....	31
Figura 6- Boxe/ G3.....	34
Figura 7- Boxe/G2.....	34
Figura 8- Boxe/G1.....	36
Figura 9-Boxe/G1.....	37
Figura 10-Boxe/G3.....	37
Figura 11-Boxe/G3.....	38
Figura 12- Terminal Pesqueiro no horário de funcionamento.....	38
Figura 13-Malhadeira na parte superior do barco de pesca.....	41
Figura 14- Caixa expositora de alumínio .....	46
Figura 15-Balança de pesagem para pesagem do pescado.....	53
Figura 16- Contador do Terminal Pesqueiro/Balsa de ferro.....	53
Figura 17-Caixa de Madeira onde acontece o carregamento do pescado.....	57
Figura 18- Escolhedor.....	58
Figura 19- Carregador com o carrinho transportando o pescado para o carro frete....	59
Figura 20- Carregador com o carrinho transportando os peixes dentro de sacos plásticos.....	60
Figura 21- Balsa Flutuante da Associação dos feirantes da Panair.....	61

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Participantes da pesquisa da Feira da Panair.....	27
Quadro 2- Participantes da pesquisa da Feira da Panair.....	29
Quadro 3 - Organização interna dos galpões da feira da Panair.....	41
Quadro 4- Participantes da pesquisa do Terminal Pesqueiro.....	49
Quadro 5- Participantes da pesquisa da Associação.....	64

## **LISTA DE SIGLAS**

<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>UFAM</b>	Universidade Federal do Amazonas
<b>IBAMA</b>	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
<b>FMP</b>	Feira Municipal da Panair
<b>TCGPM</b>	Terminal de Carga Geral e Pesqueiro de Manaus
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>AFP</b>	Associação dos Feirantes da Panair

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I- O IR E VIR DA FEIRA NO CURSO DA COMERCIALIZAÇÃO PESQUEIRA</b> .....	19
1.1. Considerações sobre a trajetória, formação e constituição do bairro de educandos.....	19
1.2. Bairro de educandos na década de 90.....	22
1.3. Localização da Feira daPanair.....	24
1.4. Feirantes.....	27
1.5. Estrutura e funcionamento.....	28
<b>CAPÍTULO II-EMBARQUE, DESEMBARQUE E COMERCIALIZAÇÃO DO PESCADO</b> .....	39
2.1. Considerações sobre o local.....	39
2.2. Comercialização do pescado.....	41
2.3. Desembarque do pescado.....	43
2.4. Transporte do pescado.....	48
2.5. Origem e destino do pescado.....	49
2.6. Instrumentos utilizados na comercialização do pescado na balsa de ferro.....	52
<b>CAPÍTULO III-BALSA FLUTUANTE DE MADEIRA NO CURSO DA RIBANCEIRA, ESTENDO MINHAS TEIAS</b> .....	62
3.1. Considerações sobre o local.....	62
3.2. Comercialização.....	63
3.3. Feirantes.....	64
3.4. Origem dos produtos.....	67
3.5. Seguro Defeso.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIASBIBLIOGRÁFICAS.....	76
ANEXOS.....	81
APÊNDICES.....	90

## INTRODUÇÃO

A figuração desempenha um papel essencial na negociação do pescado na cidade de Manaus. Nesta dissertação, exploramos sua importância e a função que desempenha no comércio na Feira da Panair, Terminal de Carga e Pesqueiro e Balsa de Madeira, uma vez que os espaços, envolvem um jogo superior e inferior entre estabelecidos (mais antigos) e outsiders (recém-chegados), porque na relação do comércio da pesca cada um vai exercendo uma função.

A feira da Panair de Manaus é um local de comércio de peixes. Ela surge em meados de 1970, durante um momento de intensa industrialização e modernização na região da Amazônia. Considerada uma das principais feiras de pescado da cidade e sua existência permitiu a criação de uma cultura de negociação de peixes na capital.

Panair é o encontro entre as urbanizações amazônicas, entre as cidades ribeirinhas e as cidades metrópoles, como foi debatido por Aldemir de Oliveira (2010), fruto de consequências imprevistas (Elias, 1980), e como patrimônio municipal, feira coberta, “imóvel desprovido de divisões físicas, onde diariamente se pratica o comércio varejista de gêneros e mercadorias”. (lei n.º 123, de 25 de novembro de 2004 no art. 3º.

Antes desse processo era livre, improvisada e coberta com lonas. Somente nos anos 90, passa a ser estrutura fixa do município em que a prefeitura a intitula com o nome de uma Companhia aérea americana, chamada PanAir que funcionou no porto onde a Associação dos Feirantes se localiza. A empresa por muitos anos teve seus hidroaviões pairando sobre os céus e rios amazônicos de Itacoatiara, Parintins, Pará e entre outros municípios da região norte.

A Panair fica próximo ao Flutuante da Associação dos Feirantes da Panair (AFP), funciona onde a estação da empresa PanAir ancorava os hidroaviões para o embarque dos passageiros, isto é, na parte frontal do local da pesquisa. Hoje em dia, é considerado ponto de encontro para barcos de linhas que, segundo (Tinoco, 2001, p.11), se destinam “ao transporte de passageiros para ou entre as cidades do interior do estado”, denominados regionalmente como recreio que atracam ali, após o descarregamento no Terminal Pesqueiro.

Além de ser estação para barcos a recreios e pequenas embarcações, também tem a função comercial do ramo de frutas, verduras, polpas, farinha, estivas, pão e

bebidas, em geral, e a venda de algumas espécies de peixes que, acontece a partir das quatro (04) da manhã, sendo diferenciado da FMP e TCGPM.

Outra conexão importante da Panair é o Terminal de Carga Geral e Pesqueiro de Manaus (TCGPM), construído em 2005, mediante recursos federais e estaduais. Atualmente, é uma rede de iniciativa privatizada de responsabilidade da Amazon Peixe e Aquicultura. Este espaço é importante para o desembarque, comercialização e distribuição do pescado em Manaus.

O TCGPM é utilizado pelos proprietários de barcos de pesca, barcos a recreio, despachantes, pescadores artesanais, escolhedores, contadores, carregadores e por aqueles que adquirem o pescado através da compra no atacado. Funciona a partir das 22h se estendendo até a madrugada na estrutura portuária onde ocorre o processo de desembarque do pescado.

Este não é o lócus da pesquisa principal, contudo, percebemos que não seria possível investigar sobre o processo figuracional da negociação do pescado sem adentrar e compreender a relação da feira com essa rede de abastecimento, que se configura como a principal responsável pelo embarque e desembarque das espécies de pescado no Estado do Amazonas.

Formar opinião acerca desses ambientes, depende do “outro” e vários outros indivíduos que os compõem, não adianta, por exemplo, ter domínio como despachante, ser um bom negociador se não existir a experiência do pescador, ou um excelente armador que saiba o que é preciso para a pescaria, e do consumidor querendo saciar suas necessidades.

Então, a observação revelou que nesses espaços, a sociedade vai sendo formada por diversas necessidades, como, por exemplo, o proprietário de embarcação, que ao contratar para o barco de pesca, pescadores experientes, leva em consideração o “hábitos”. Essa composição social, descreve as modalidades, percepções e ações dos pescadores e armadores<sup>1</sup>, ou seja, o conhecimento que eles possuem, sobre o rio, lago, técnicas e espécies.

Sendo “nós”<sup>1</sup> próprios, um ser entre outros, reproduzimos ao longo do tempo, as práticas da pesca, técnicas e economia. Tudo está em constante transformação, os

---

<sup>1</sup> Termo utilizado pelo autor Norbert Elias na obra Introdução a sociologia. 1 Armador é a pessoa física ou jurídica que equipa, mantém e explora comercialmente embarcação mercante, podendo ser ou não o seu proprietário. Sindicato Nacional dos auditores Ficais do Trabalho Armadores de pesca poderão ter ajuda de custo durante defeso, 2015. Disponível: <<https://www.sinait.org.br/site>>. Acesso em: 20 de ago. de 2023.

utensílios estão sendo substituídos por equipamentos sofisticados, manejos mais complexos, resultando na disputa “desigual” entre pequenos e grandes negociantes, como os pescadores, armadores, feirantes, proprietários de barcos e despachantes que participam do “plano da ribalta”<sup>2</sup>

Tomando a ideia de Norbert Elias para explicar os indivíduos da negociação da pesca, podemos dizer que eles estão sendo moldados por atitudes sociais que estão sendo reproduzidas ao longo do tempo e a existência de uma interação, com propósito nos *hábitos*. A alteração dos costumes, modificam as estruturas psíquicas das pessoas e vice-versa. Por essa razão, pescadores, feirantes, armadores, donos de barcos e despachantes, criam seus hábitos no decorrer do processo, como, por exemplo, aquisição de barcos equipados, instrumentos de pesca sofisticados, situações essas que nem todos podem obter.

A configuração, ilustrada por Norbert Elias, buscou compreender as relações humanas, concebidas através da tarefa de análise dos processos sociais, e por meio de sua apreciação, tentamos apreender práticas dos participantes da pesquisa. Mas, já se pode ter noção que as atividades dos entrevistados são exercidas para satisfação de suas necessidades que os levam ao alcance de aprendizados sociais, orientados uns para com os outros, das mais diferentes maneiras.

A pesquisa de campo é de abordagem qualitativa e os sujeitos são os feirantes, despachantes, proprietários de embarcações, pescadores que comercializam, desembarcam, capturam, abastecem e embarcam o pescado. Foram abordados, dezessete (17) participantes da comercialização do pescado, incluindo três (03) da Associação, seis (06) do Terminal pesqueiro e oito (08) da Panair. Antes da entrevista, informamos aos pesquisados sobre a natureza e objetivos da pesquisa, garantia de sigilo e anonimato das informações.

Os que concordaram em participar da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após o aceite, dialogamos, anotamos no formulário semiestruturado de perguntas abertas e fechadas (APÊNDICE A, B, C), e armazenamos em áudio tudo que consideramos importante para a transcrição. Os critérios de inclusão foram as pessoas adultas que frequentam o local e que estavam diretamente ligadas à prática da comercialização do pescado na época da pesquisa (vendedores, despachantes, donos das embarcações e pescadores). Os critérios de

---

<sup>2</sup> O termo é utilizado por Mario Ypiranga Monteiro em sua obra o pescador que visa, destacar o indivíduo, focar nele e em suas práticas.



exclusão foram os que não aceitaram: entrevista, registro fotográfico, assinatura do TCLE, responder ao formulário.

A coleta das informações da pesquisa de campo, ocorreu em duas fases: A primeira se deu na feira da Panair e Associação dos feirantes no dia cinco (05), e quinze (15) de fevereiro de 2023. No segundo momento, se deu no Terminal de Cargas e Pesqueiro. A data da primeira da coleta se deu no dia 14 de fevereiro deste mesmo ano. Nos três ambientes, realizou-se entrevista semiestruturada com a utilização de formulário, observação, registro fotográfico, gravação de áudios e diálogos.

Na Panair e Associação, o primeiro contato ocorreu com o administrador da feira (diálogo), para conhecer o espaço, apresentar os feirantes da Panair e aos membros da Associação. Esse primeiro momento foi apenas para ter ciência de como tudo funcionava, acertos para realização das entrevistas (horário, datas), agendamento para apresentação da pesquisadora e aplicação da pesquisa.

No Terminal Pesqueiro, a princípio, dialogou-se com a antiga gestão, via mensagens, ligações telefônicas. A partir desse processo foi concedido o número telefônico do gerente que, após encontros e desencontros, solicitou a elaboração de um ofício para a formalização do trabalho de campo. Somente num segundo processo, aconteceu a visita na parte interna (administração), e externa (Balsa de ferro), na qual ocorre o embarque, desembarque e leilão atacadista do pescado.

Dado a fase de coleta se fez necessário, organizar todo o material, bem como transcrever, arquivar em pastas as informações do formulário semiestruturado, das observações, dos diálogos, dos registros fotográficos e áudios. Analisaram-se os arquivos qualitativamente, relacionando-os com referencial teórico para elaborar a dissertação e responder o problema da pesquisa.

O âmbito da pesquisa, também, busca relacionar o lugar do vivido<sup>3</sup> e/ou, lócus de transposição da experiência para que a filha de uma agricultora e sobrinha de um pescador, observasse sobre a comercialização do pescado, objeto de estudo peculiar ao ambiente vivenciado. Sou parte de uma conexão entre a urbe e o rural que, nas entrelinhas da dissertação, analisamos.

Partindo desses pressupostos, compreendemos que esses elos, Feira, Associação e Terminal, a venda se direciona no momento do desembarque, embarque e distribuição do pescado, perceptíveis nas práticas dos indivíduos que juntamente

---

<sup>3</sup> Urucurituba, local onde a pesquisadora foi criada. Município do Estado do Amazonas.

com a experiência de outros os tornam “interdependentes”, que na ótica de Elias (1994, p.24), “é a rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela é nada mais, o que chamamos sociedade”, onde o indivíduo e o social não são antagônicos.

Para tanto, para análise de uma ligação intrínseca, entre Panair, Flutuante e Balsa de ferro, tomamos a liberdade de trazer Elias (1980), que explica as figurações. Isto é, um instrumento conceitual, que objetiva abrandar a compressão social de raciocinarmos, comunicarmos, e, por quem estamos ligados reciprocamente por meio de nossa natureza, não estamos alheios a sociedade, somos parte dela e somos ela, com muitos outros.

Na seara histórica, as feiras no século XXI, eram espaços que ilustravam a relação entre o rural e o urbano, “entre o regulamentar e o espontâneo, entre o artesanato e a mercadoria industrial. Elas acompanharam e foram se adaptando às contingências, contradições e à dinâmica do capitalismo”, mas em seu espaço também se dão as práticas artesanais. Na idade média, fora responsável pela ampliação transformações das cidades e, resistindo a mudança, de se transformar em “shopping centers populares na sociedade atual” (Madeira, 2007, p.21-22).

Essas transformações da cidade são marcadas e remarcadas, invariavelmente porque são consequências das relações nela constituídas. Observamos a cidade como lugar “e resultado de vivências e experiências múltiplas. Por razões como essas a história da cidade só tem sentido quando buscamos compreender essas vivências, as lutas cotidianas em interesses diversos, os modos de morar, trabalhar e se divertir” (Silva, 2011, p.21).

As lutas diárias de ser feirante nas feiras citadinas fazem parte de uma construção cotidiana do trabalho. Feirante, é “uma profissão e não meramente uma ocupação momentânea, enquanto essa atividade parte de uma decisão, uma escolha realizada em determinado momento de suas trajetórias”. O caminho que cada um adotou, aprendeu, se especializou, constitui configurações de trabalhos e nessas relações compartilhadas são feitos nexos, instrução e edificações de um caminho a seguir (Vedana, 2013, p.47).

No âmbito reflexivo, a dissertação é composta em três capítulos, a saber: O primeiro capítulo aborda a Feira: O de ir e vir no curso da comercialização pesqueira, já que nesse ambiente ocorre a venda do pescado na modalidade varejo. Os feirantes compram o produto do terminal Pesqueiro e revendem para consumidores em geral.

Aborda-se também sobre o bairro de educandos, historicidade do nome do local, estrutura, organização interna, horário de funcionamento e entre outros. O segundo, aborda sobre embarque, desembarque e comercialização do pescado no Terminal Pesqueiro, traz as narrativas dos atores sociais quanto sua participação desde a chegada dos barcos de pesca, venda, carregamento do pescado. O terceiro, trata-se da Balsa flutuante de madeira de responsabilidade da Associação dos Feirantes da Panair, “no curso da ribanceira, estendo minhas teias”.

Nesse espaço, a comercialização funciona de maneira leve, o local serve bem mais para o desembarque de pessoas que transitam entre o campo e a cidade. Por fim, fechamos o trabalho com as considerações que a autora apreendeu no decorrer de toda investigação a respeito do objeto.

## CAPÍTULO I

### O IR E VIR DA FEIRA NO CURSO DA COMERCIALIZAÇÃO PESQUEIRA

*Hoje eu acordei mais cedo pra comprar um peixe lá na Panair. Tava com muita vontade de tomar um caldo do peixe daqui. Comprei salsa e coentro, cebolinha e pimenta murupí. E fui barganhar o preço em meio a gritaria, quando eu ouvi. Três bodó por cinco, leve o jaraquí, dúzia de cubú, tem curimatã, matrinxã sem espinha, traíra cuiú, sardinha fresquinha, pescada e pacu, tem pirapitinga, cará e apapá, cachorra e branquinha limpa.*

*Nicolas Jr.*

#### **1.1 Considerações sobre a trajetória, formação e constituição do bairro de Educandos**

Educandos é um bairro onde fica localizado a Feira Municipal da Panair na cidade de Manaus, por isso resolvemos trazê-lo nas entrelinhas deste estudo. Este é considerado um dos mais antigos da cidade, próximo a ele podemos encontrar os bairros: Aparecida, Morro da Liberdade, Cachoeirinha, Colônia Oliveira Machado.

Cercado por igarapés, pontes, igrejas, parques, mercados, começou a se desenvolver nos anos de 1930 a 1940 com a vinda de muitos nordestinos que começaram a construir casas nas proximidades das avenidas, bem como Leopoldo Peres e Presidente Kennedy. Assim, podemos dizer que a Panair foi construída num bairro que já foi chamado de Constantinópolis devido ao nome do Governador, Antônio Constantino Nery (1904-1908)<sup>4</sup>

Em sua trajetória, o bairro foi palco da criação da Província em 1850 como sendo uma espécie de porta de entrada para as construções de várias obras públicas como pontes, prédios, aterro de igarapés, abertura e pavimentação de avenidas. Para as atividades eram enviados os grupos indígenas e africanos.

Os índios eram designados para fabricação de fabricação de: telhas, tijolos e potes, achavam-se indígenas de diferentes etnias recrutadas para o serviço público e particular por meio do diretório dos índios [...] oleiros, pedreiros e carpinteiros e, desse modo, a olaria foi o primeiro pouso dos africanos na cidade (Melo,2021, p.2).

Estes além de construtores e artesãos, contribuíram ainda, para a cultura local, bem como culinária, linguagem, dança, religião. Ambos eram vistos como mão de obra

---

<sup>4</sup> Fonte: <https://www.jcam.com.br>.

gratuita para construção da cidade. Os sujeitos não têm sequer uma avenida homenageando seus nomes que anonimamente foram sendo esquecidos no curso da história.

Em 1853, funcionou em educandos o Estabelecimento dos Artífices que inclusive seu nome se originou desse recinto. Sendo também, responsável pelo desenvolvimento populacional e, nele eram colocados em prática projetos de educação profissional com a disponibilização dos cursos:

[...] tipografia, sapataria, carpintaria, alfaiataria, ferreiro. Por esse motivo, a criação do Estabelecimento dos Educandos Artífices ocorre em 1856, sendo o marco inicial: no processo de formação de Educandos. O local funcionou no prédio da Olaria Provincial localizado na outra margem do igarapé da Cachoeirinha, hoje igarapé de Educandos. O Estabelecimento tinha por objetivo a formação profissional de jovens para o exercerem inúmeros ofícios – livreiro, ferreiro, sapateiro, alfaiate etc. – e funcionara em regime de semi-internato. Vale salientar que tal modelo de educação, destinado à formação profissionalizante, se configurava como o mais avançado da época e sua expansão se dava por todo o Brasil (Oliveira, 2007, p.21).

Este processo, tem primazia no bairro, especificamente no ramo educacional, que além da instituição ser importante para o ensino, ainda, contribuiu para o povoamento do bairro, porque os professores que lecionavam no local, costumavam estabelecer moradia em seus arredores.

Segundo Oliveira (2007), além do crescimento populacional foram construídas grandes pontes, para dar passagem ao outro lado da cidade, já que o bairro era dividido pelas águas do igarapé de Manaus, e o meio de transporte muito utilizado para mercadorias e passageiros da época eram as catraias<sup>5</sup>. Elas eram dirigidas pelos portugueses e muito aceita na cidade.

Souto e Santos (2021), ao estudarem sobre a “*Cultura e paisagem através da história de Educandos*”, explicam que na era da borracha, o bairro de Constantinópolis, atual, educandos, foi um dos primeiros ambientes ocupados por esses indivíduos. Essa ocupação se deu por fatores determinantes, bem como:

culturais e simbólicos, tendo em vista que alguns eram ribeirinhos que buscavam manter seus costumes de se relacionar com o rio, como também a falta de políticas públicas de incentivo a moradia, a falta de recursos

---

<sup>5</sup> Embarcações de pequeno porte cobertas com toldo de lona, guiadas de forma manual por um indivíduo conhecido como catraieiro, que conduziam entre 15 e 20 passageiros sentados, com horários de saída e duração da viagem (Oliveira, 2007 apud Andrade, 1985).

financeiros para pagar as taxas de ocupação e por fim, a proximidade do bairro ao centro da cidade (2021, p.7)

A partir dessas discussões, observamos que, muitos eram os fatores para se construir casas nas proximidades do rio negro como vínculo representativo para processo de formação do bairro, visivelmente marcado pela ausência de políticas de moradias direcionadas às pessoas com poder aquisitivo inferior.

Sobre as moradias de educandos, elas eram específicas, transformadoras do espaço concreto, o que se pode ver na obra, "*Movimento Social e Espaço Urbano: interesses e conflitos na (re) produção da cidade na Amazônia*", as habitações flutuantes eram casas típicas de uma cidade em transformação, sustentadas com artefatos da região, bem como:

[...] toras de madeiras que obedeciam ao regime da cheia/vazante do rio Negro. Residiam ali trabalhadores de baixo poder aquisitivos, estivadores, feirantes, sapateiros e outros que desenvolviam suas atividades no centro comercial de Manaus, é caracterizada como a primeira favela da cidade de Manaus (Damasceno,2006, p.9).

A história de consolidação de Educandos foi visivelmente marcada por residências específicas, já que Manaus resultou de um cumulativo diverso de conhecimentos antecedentes de cidade, que se transformaram por meio do tempo, espaço este que é produto das relações humanas. Então, temos de considerar o ambiente construído e vivido para não atropelarmos os fatos.

Assim, as alterações da cidade não são somente os efeitos indiferentes da globalidade social, de suas mudanças, mas também das relações em sociedade.

Por isso a cidade na ótica de Lefebvre (1991):

depende também e não menos essencialmente das relações de imediate, das relações diretas entre pessoas e grupos que compõem a sociedade (famílias, corpos organizados, profissões, corporações etc.); ela não se reduz mais à organização dessas relações imediatas e diretas, nem suas metamorfoses se reduzem às mudanças nessas relações. (p. 46)

Percebe-se na análise acima, que os indivíduos, constituem relações a partir desses estabelecimentos em determinados espaços, podem revelar a realidade vivenciada pelas pessoas. Essas conexões, promovem elementos para se compreender o que acontece na cidade e saber como a cidade vai ganhando formas por meio do estabelecimento de elos firmados entre os indivíduos, que em outras palavras, as figurações (Elias,1980).

Oliveira (2010, p.295), em cidades brasileiras são definidas como:

Estrutura material e simbólica, a cidade se caracterizará como santuário de valor e trocas, lugar de provisão, de estocagem, de troca no mercado, de concentração de valores, lugar da produção, da circulação, mas também da reprodução da vida social, num sentido amplo.

Representando variados significados, a cidade, estabelece as necessidades sociais que por meio das práticas das pessoas são identificadas as formas desiguais, pois nela se concretizam demandas para além de um cunho econômico, mas que também são oriundas de atividades econômicas de poder.

As cidades, além de reproduzirem a vida em sociedade, revelam a existência desigual exemplo das “casas de chão batido, cobertas de palha, iluminadas por lâmpadas de óleo de peixe” (Amazonas, 1996, p. 18), como parte de uma simbologia ou estrutura, educandos faz parte do espaço da cidade que se transformou e nos aproxima para entendermos os fenômenos presentes da cidade, sem perder de vista as particularidades e especificidades de lugar

## **1.2 Bairro de educandos na década de 90**

Alguns fatores desencadearam o desenvolvimento de Educandos como, por exemplo, o Ciclo da Borracha e Instalação da Zona Franca, por essa razão muitos vieram em busca de trabalho, moradia, educação.

Para Oliveira (2007, p.22), o bairro de Educandos teve como agentes principais para o desenvolvimento urbano do bairro os professores do Estabelecimento dos Educandos Artífices que decidiam fixar residência no local e; os migrantes do interior do Amazonas e de outros estados do Norte e do Nordeste que se viam atraídos por uma perspectiva de vida melhor. Ambos contribuíram decisivamente para a necessidade e criação da feira.

A década de 1990 foi díspar para a redução da mão de obra empregada no polo industrial de Manaus. Nesse período, à abertura econômica provocou profundas mudanças no modo de produção da Zona Franca de Manaus. Situação refletida em toda a economia, amazonense e comportamento das migrações, ocasionadas por um pequeno

[...] arrefecimento do fluxo migratório na década de 1990 em relação às décadas anteriores. A década de 1990 tem como peculiaridade a redução da mão de obra empregada no polo industrial de Manaus devido à abertura econômica, que provocou profundas mudanças no modo de produção da ZFM, com reflexos em toda a economia amazonense. Infere-se que o crescimento populacional verificado na cidade de Manaus reflete o contexto

econômico e político no qual a cidade esteve inserida nas últimas décadas (Nazareth e Brasil ,2011, p.208).

A vinda de pessoas de outros Estados e do interior do Amazonas, se deu em decorrência da implantação da Zona Franca. Marco este que levou muitos, viajarem em busca de trabalho. Tal processo migratório, ocorreu a partir da década de 60 na cidade e teve como efeito a ampliação dos bairros, integrantes vindos de todos os lugares, principalmente nordestinos. Mais adiante, a realidade empregatícia do distrito industrial toma rumos diferentes e por essa razão, Manaus passa a receber uma quantidade pequena de migrantes.

Na investigação sobre “*Memória Histórica, Visual e Paisagística do Bairro Educandos*”, esclarece que além de receber migrantes, ainda foi um dos primeiros a ser criados quando se pensou a cidade de Manaus crescendo para o sul, especificamente no “período Áureo da Borracha, o Bairro de Constantinopolis, atual, Educandos, foi uma das primeiras regiões que os migrantes foram ocupando, motivados pela falta de planejamento urbano e crescimento acelerado da cidade” (Brito, 2022, p.14).

A partir desse momento, inicia-se a constituição de uma rede de bairros feita por avenidas, pontes, comércios, escolas, igrejas e não é de se estranhar que, geralmente, encontremos lugares ocupados por algum migrante, principalmente do Nordeste nas feiras de Manaus.

De acordo com Nazareth et al. (2011, p.208), na década de 2000 a cidade de Manaus passou a enfrentar dificuldades derivadas da crise de produção e da ausência de investimentos, observadas em todo o Brasil, bem como a redução da mão de obra empregada no polo industrial de Manaus devido à abertura econômica que causou,

profundas mudanças no modo de produção da ZFM, com reflexos em toda a economia amazonense. Infere-se que o crescimento populacional verificado na cidade de Manaus reflete o contexto econômico e político no qual a cidade esteve inserida nas últimas décadas, conforme exposto na seção anterior. A distribuição dos migrantes no espaço urbano da cidade de Manaus revelou-se diferenciada conforme o tempo de moradia do migrante

Para os autores parte do crescimento da população de Manaus é fruto da implantação da ZFM, porque é considerado fator principal que levou a atração da população de outros estados e interior do Amazonas. Essa atracção se deu por uma perspectiva de vida e rentabilidade. Todavia, na década de 90, ocorre a redução do



emprego, ocasionando novas formas de trabalho que levaram muitos migrantes a se aventurarem em pequenos empreendimentos no campo do comércio.

Souto (2022, p.55), afirma que Educandos, atualmente é um bairro que “apresenta uma vasta área comercial, com grandes desigualdades sociais, porém com grandes Avenidas como a Leopoldo Peres que atualmente possui uma grande concentração de comércio e serviços”. *Habitus* que vão sendo construídos no decorrer do tempo.

Silva (2019, p. 238), ao estudar Norbert Elias, explica que o *habitus* pode mudar com o tempo,

Assim, as vivências de um indivíduo também ocorrem em momentos de modo lento e em outros de modo acelerado; assim, novos *habitus* vão sendo incluídos, seja somando-se, seja através de pequenas ou abruptas mudanças. Evidentemente, eles sempre vão sendo incorporados perante uma significativa dose de tensão e resistência

A partir dessa leitura, o “*habitus*” é consequência das formas, equilíbrio das tensões entre os indivíduos que ocorrem nas relações de poder entre os seres humanos que vivem em sociedades. Nesse sentido, em sociedade muitos costumes foram sendo inseridos pelos habitantes do bairro de Educandos.

Assim se aproxima o livro de Matos (2015, p.9), em que o autor chama a atenção para as populações locais da Amazônia, onde os lugares da Amazônia são lugares de “complexidade e precisam ser analisados como específicos, mas nunca como únicos, já que articulam o lugar ao mundo e universal, em que trata da existência da condição humana”.

Portanto, sendo o bairro de educandos um lugar, ele se reconstrói através das possibilidades, se constitui por meio de elos e conexões presentes nas práticas dos indivíduos. Esses indivíduos se desenvolvem nos estabelecimentos da feira, representando o hábito e a cultura de geração em geração na história de vida dos diversos agentes sociais que participam da comercialização do pescado.

### **1.3 Localização da Feira da Panair**

A Feira Municipal da Panair, está localizada na avenida rio negro, na orla fluvial da zona Sul, no bairro de educandos, próximo aos bairros, Colônia, Oliveira Machado

e Centro, em frente ao Rio Negro. Atualmente é “patrimônio municipal”<sup>6</sup>, funcionando durante a semana, “domingos e feriados, de acordo com horário estabelecido pelo Município”<sup>7</sup>.

Seu porto já foi um terminal aquaviário da empresa *PanAir*, e por essa razão, a batizaram pelo mesmo nome. No local, funcionava o estacionamento para os hidroaviões do modelo, *Consolidated Catalina*<sup>8</sup> que vinham do aeroporto Ponta pelada, e ancoravam ao lado do flutuante de madeira para a entrada dos passageiros. A conexão aos hidroaviões se dava por meio de uma ponte de madeira, conforme a ilustração a seguir:

Figura 1- Época do Terminal aquaviário



Fonte: Benchimol (1996)

Situando-nos na história, a figura mostra o porto da *Panair* onde os hidroaviões catalinas saiam de Manaus, rumo a Itacoatiara, Parintins e Manaus- Belém e municípios paraenses, bem como Curralinhos, Cametá, Gurupi e Monte Alegre e outros estados brasileiros.

---

<sup>6</sup> Art.3º da Lei nº 123.II - Feira livre: lugar público administrado pelo Município e desprovido de divisões físicas onde, em determinados dias da semana e em horários preestabelecidos pratica-se o comércio varejista dos gêneros e mercadorias mencionados no art. 1º.

<sup>7</sup> Art. 10 da LEI Nº 123. Disponível em: <https://semacc.manaus.am.gov.br/lei-123/> .Acesso em: 16 de jun. de 2021.

<sup>8</sup> PANAIR DO BRASIL. Uma história sem igual: fatos e datas que marcaram a trajetória da PanAir do Brasil, desde sua fundação até os dias de hoje. Disponível em:<<https://panair.com.br/por/legado/>>. Acesso em: 25 de ago. de 2023.

Segundo Matos (2015), ao citar Elias (1980), na articulação de lugar, reproduzem-se novos lugares na Amazônia, lugares estes que embora tenham suas complexidades, unicidades nos orientam no processo e, nele podemos nos situar por intermédio das figurações que vivenciamos nos encaminhando para a compreensão de que somos seres humanos numa interdependência funcional.

Nesse prisma, o flutuante passa a ter outra necessidade, deixando de ser espera dos aviões catalinas, passando a ser apenas porto de desembarque para os barcos a recreio, canoas, mudando o rumo das práticas cotidianas que outrora orientavam os indivíduos, agora são guiados por um interesse comercial. A figura a seguir nos situa historicamente sob a funcionalidade da balsa de madeira, antes de ser a Associação dos Feirantes.

Figura 2- Os hidroaviões catalinas



Fonte: <http://jmartinsrocha.blogspot.com>.

Os catalinas da PanAir, misturavam-se entre as embarcações que atracavam no flutuante, aterrizavam na água e embarcavam indivíduos para os municípios e estados do país. O entrevistado **A**, José de 82 anos, filho de nordestinos, despachante e dono de embarcação, lembra: *“Eu era menino, eu pulava na água, eu tinha nove anos e eu vi os aviões pararem aí, tinha apenas uma ponte que dava acesso, eles vinham de lá do aeroporto Ponta pelada”*.

Morador antigo do bairro de Educandos o participante da pesquisa **A**, presenciou momentos que marcaram o panorama da cidade, vivenciando algumas transformações da localidade. Tem na memória lembranças de quando sobrevivia do

ramo do pescado e como a feira sofreu mudanças. Conta com riquezas de detalhes: “Aqui na década de 60 e 70 era apenas tablado, não se tinha cobertura, que na visão de (Matos, 2015, p.15), isso mostra que o “espaço está sempre em transição”. Embora “arrancados” de seu meio e “separados de sua cultura”<sup>9</sup>, alguns vieram trabalhar na borracha e aqui ficaram.

Observamos isso na fala do participante **A**:

*meus pais foram dessa época, vieram para Manaus, eram nordestinos e não foram mais embora, eu fui criado vendo minha mãe lavar roupas no rio negro, eu cansei de vir aqui, eu morava bem perto via isso aqui antes da construção da feira da Panair, meu pai sempre trabalhava aqui”.*

A família, segundo Elias (1994), instituição social, que busca de satisfazer necessidades, situação em que muitos indivíduos se encontravam naquela fase, o auge do ciclo da borracha fez com que muitos viessem trabalhar nos seringais. A realização dessas atividades com outras pessoas, firmam os agrupamentos sociais e fortalecendo as figurações.

Nos apropriando de tal análise, podemos explicar que a realização da negociação de peixes e produtos na feira, acontece pela necessidade dos feirantes de obter renda, o que é configuração, uma vez que são orientados uns para com os outros nas mais diferentes maneiras de realizar suas atividades comerciais.

#### 1.4 Feirantes

Os feirantes são os que desenvolvem atividades nas dependências externas e internas da feira, pagando certa quantia para comercializar peixes, frutas, acessórios telefônicos, viagem, pesca, remédios naturais. Começam a trabalhar entre 04 e 05 da madrugada, mas, se, sentirem necessidade de estar em um horário diferente, isso não os impede de seguir o fluxo em outro momento.

O fluxo de funcionamento da Feira, depende de cada dono de banca, ou seja, não seguem uma regra administrativa, fato este que continua sendo organizado pelo administrador e feirantes.

Quadro 1- Participante da entrevista na feira da Panair.

<b>Local:</b> Feira Municipal da Panair	<b>Data das entrevistas:</b> 05/07/01/2023
---	--

<sup>9</sup> Os termos marcados com reticências foram retirados do Libro de Matos (2015, p.9)

Participante	Sexo	Idade	Estado civil	Naturalidade	Setor/Função	Bairro	Tempo de atuação
(A)	M	82	Viúvo	Careiro da Várzea	G5/Pescador Feirante/Despachante	Educandos	55
(B)	F	32	Casada	Mato Grosso	G1/Feirante/Atendente	São Lázaro	01
(C)	M	69	Casado	Manaus	G4/Feirante	Educandos	55
(D)	F	55	Casada	Coari	G2/Feirante	Colônia O. Machado	20
(E)	F	51	Casada	Manaus	G2/Feirante	Colônia. O. Machado	10
(F)	F	42	Casada	Coari	G3/Feirante	Jorge Teixeira	07
(G)	M	83	Casado	Boca do Tabocal	G3/Feirante	São Lázaro	30 anos
(H)	M	50	Casado	Manaus	G1/Feirante/Administrativo	Manaus	01
(I)	M	42	Casado	Manaus	G2/Feirante	Manaus	30

Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

A identificação dos 08 sujeitos que responderam ao questionário e dialogaram com a pesquisadora, 03 são de Manaus, 02 são de Coari, 01 do Careiro, 01 da Boca do Tabocal (comunidade próxima a Manaus), e apenas uma pessoa é de outro estado do Brasil. Dentre eles 04 são mulheres, o que se percebe a mulher cada vez mais presente nas feiras.

Duas pessoas do sexo masculino têm outras funções, uma na área administrativa e outra como despachante. Das oito, pessoas, somente uma mora distante do local de trabalho, isto é, no Jorge Teixeira, Zona Leste da cidade.

Apenas duas atuam há um ano no local, as demais, tem entre dez ou mais tempo.

Uma das entrevistadas, é do estado de Mato Grosso, e não é a proprietária, apenas trabalha do boxe de embalagens há mais de um ano. Para Santos (2017, p.26), atualmente, a feira apresenta, também, um significado social, que “é compreendida como um local de encontro dos feirantes, de consumidores e demais sujeitos que vivenciam seu dia a dia, existindo uma relevante interação entre esses sujeitos”.

Nas análises de Santos (2017, p. 29), a feira, por mais diversificada que possa ser o seu significado, é de abastecimento, mas, além disso, de reunião, “de encontros com períodos semanais, mensais ou anuais, dependendo do tipo de feira que estiver tratando”.

A feira da Panair funciona todos os dias comercializando produtos diversos, bem como o pescado, verduras, frutas, farinha, polpas de frutas, utensílios para viagens, acessórios para telefonia móvel, apetrecho para pesca, ervas medicinais, lanchonetes, cortes de cabelo e roupas de banho.

### 1.5 Estrutura e Funcionamento

A feira é considerada um espaço de comercialização em que muitos consumidores são atraídos pela oferta de materiais e produtos distintos. Além disso, as feiras cobertas se concentram no varejo do pescado oriundos de rios, lagos e viveiros.

Nesse processo, para a comercialização dos produtos, a estrutura arquitetônica foi construída com galpões e cada um com vários boxes. Na parte interna e externa os donos de boxes e feirantes se organizam e expõe diversificados itens. A tabela a seguir, mostra são estruturados.

Quadro 2 - Estrutura interna da Feira da Panair

Descrição	Quantidade/boxes	Produto	Observação
<b>G1</b>	41	Verdura, frutas, farinha, polpa de frutas, lanches, utensílios para celular.	
<b>G2</b>	48	Verdura, frutas, farinha, polpa de frutas, lanches, utensílios para celular, roupas.	
<b>G3</b>	47	Frutas, verduras e lanches.	
<b>G4</b>	106	Peixe e carne bovina	
<b>G5</b>	41 caixas	Peixes	Este se localiza na parte externa

Fonte: Pesquisa de campo, 2023

Os feirantes, comercializam produtos diversos, porém cada pavilhão é separado por galpão, como, por exemplo: no G1 e G2, G3 são vendidos verduras, frutas, lanches, roupas, materiais de papelaria, no G4 são comercializados, peixes e carnes bovinas.

No G5, conhecido como o tablado, se comercializa, somente o pescado. Antes também, existia o ponto da banana no G3, mas foi desativado. A desativação ocorreu

para a reforma e melhoria da estrutura, diz o feirante **H** que, atua somente há um ano, 50 anos:

A feira está sem controle, diz o participante **H**:

*isso ocorreu após o porto de desembarque ser privatizado, ele funciona a noite e não tem um horário certo". Percebemos que esta mudança teve como consequência o enfraquecimento das vendas do pescado no local. Porque a feira tem que concorrer com a Balsa de ferro, os feirantes ficam no prejuízo.*

A narrativa do feirante apresenta insatisfação, primeiro, porque a venda bruta do pescado não é mais realizada diretamente na feira, e o horário de funcionamento fica desregrado e os grandes consumidores, preferem comprar no Terminal. A segunda insatisfação é que os frigoríficos, compram direto do Terminal e distribuem para os grandes supermercados, gerando concorrência para os feirantes.

Em figurações como essas se consegue burlar as regras, isso ocorre no descumprimento do horário, porque se o funcionamento fosse uma regra universal estabelecida por lei, a empresa privada que comprou o Terminal Pesqueiro, talvez sofresse ou não sanções. Situação que não agrada os feirantes, uma vez que com a renda prejudicada não conseguem pagar as dívidas do pescado aos despachantes e muito menos a banca.

O participante **H**, de 50 anos, nascido em Manaus, explica:

*não há uma regra estabelecida, eles fazem o horário deles, quando querem abrir não tem uma lei, mas aqui também não se cobra se uma pessoa quiser fechar ou abrir mais cedo estamos em fase de organização, o terminal realmente com esses novos gestores, não respeitam o nosso horário, depois que foi vendido tivemos uma queda nas vendas.*

O relato esclarece que o local tem horários estabelecidos entre os feirantes, então se o comércio não estiver em alta em determinados dias e horários, eles podem encerrar o expediente, com exceção do Caixa/peixe (G5), porque tem que funcionar somente a partir das 14 horas em diante.

Na parte interna, o G4, como já mencionado, diverge do Caixa peixe para não prejudicar a venda e causar conflitos entre os feirantes. Todavia, o descontentamento, é o horário e logística do Terminal pesqueiro, que de acordo com eles está prejudicando a feira.

Ao dialogar com a feirante **F** de 43 anos, moradora do bairro, Colônia Oliveira

Machado, o sustento básico familiar vem da feira: *“Eu tiro toda a renda e sustento minha família com isso, mas agora está devagar por causa desse terminal privatizado”*. Para Elias (1994) é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos de sociedade que,

representa um tipo especial de esfera. Suas estruturas são o que denominamos “estruturas sociais”. E, ao falarmos em “leis sociais” ou “regularidades sociais”, não nos referimos a outra coisa senão isto: às leis autônomas das relações entre as pessoas individualmente consideradas (p.20).

Os feirantes, desempenham certa autonomia, mas eles não escapam de uma figuração geral da sociedade, pois suas ações são determinadas pela estrutura social e tal estrutura, depende deles. Logo, o espaço onde se organizam e trabalham, suscita a necessidade de obtenção de renda para amortizar o boxe, funcionário, alimentos e despachante.

A Exemplo disso, encontra-se na fala do feirante **C**, morador de Educandos que atua há 55 anos: *“o dinheiro não dá para pagar o despachante, às vezes a gente fica devendo, não tá dando para viver, tá difícil tirar a renda.”* Mesmo que a renda exista e a necessidade da venda também, comprar pescado e dele obter lucro não será igual, para todos, mesmo operando no mesmo lugar.

De acordo com Matos (2015), cada indivíduo não se resume a uma única “figuração”. Isso ocorre porque, dependendo do contexto sociocultural, a necessidade de manter a família e se manter, leva-o a se envolver em diferentes figurações, que podem variar em níveis, existindo poder nas relações que depende de cada indivíduo sair ou não, uma vez que cada indivíduo tem objetivos a alcançar.

Nos estudos de Coelho e Pinheiro (2009), citados por Santos (2017, p.43-44), a preferência de grande parte dos consumidores por esse tipo de espaço para se “comprar do pescado se dá justamente em função das variadas formas de apresentação que o pescado é disponibilizado para a venda, em especial o pescado fresco, condição preferencial pela maioria dos consumidores”.

Lozano et al. (2014), explicam que como há uma mudança de comportamento “por parte do consumidor na busca por segurança e garantia de consumir alimentos com qualidade, é preciso compreender os fatores externos que podem pôr em risco e até mesmo comprometer a segurança em consumir este tipo de produto”. Essa questão diz respeito a situação sanitária dos espaços, em que alguns têm receio de adquirir os produtos, devido à higiene.



A figura a seguir, mostra o feirante sentado na caixa-peixe do tablado.

Figura 3: Participante do tablado (G5)



Fonte: Pesquisa de Campo, 2023

A imagem acima, mostra a parte externa a feira, onde são vendidos exclusivamente o pescado, o espaço é designado por caixa/peixe. As caixas são de madeiras, e quando não estão sendo usadas são cobertas com lonas, conforme aparece na ilustração. Quando o movimento começa no setor 5, consumidores e feirantes se misturam, existindo vozes e timbres por todo local.

A voz do vendedor é a mais relevante técnica de venda. Ao se posicionar, próximo de sua caixa, mexer o pescado e apresentar suas características, o entrevistado **C**, de 69 anos, afirma: “*esse peixe é novo, esse aqui é do lago, não é de viveiro não, se tocar nele você vai ver como está vermelho, está na baba. Vamos, vamos, tem peixe novinho, não vai encontrar peixe novinho assim em outro lugar*”.

O participante **A**, nasceu no município do Careiro Castanho, tem 82 anos, morador do bairro de educandos, atuou com o pescado, durante 55 anos. Trabalhou como despachante, dono de barco e feirante. Então, resolvemos lhe perguntar como era o local antes de ser uma estrutura fixa e coberta?

*Eu estava aqui na época que só tinha o tablado de madeira, não era esse eu participei da construção desse tablado isso foi na década de 60, 70, quando não tinha isso aqui. A gente vendia aqui. Eu me lembro bem”. Se eu fosse prefeito eu mudaria a forma de vender o peixe porque agora são vendidos diretamente nos supermercados, antes não era assim, isso prejudicou muito a venda. Agora a feira não pode competir, porque lá os supermercados já*

*vendem ensacolados, tudo cortado, no cartão. Aí quebra o feirante que fica devendo muito e não consegue pagar o pescado que compra.*

No relato, observou-se insatisfação em relação à venda nos supermercados, pois a concorrência é desigual e não beneficia os feirantes, uma vez que contraem dívidas, bem como a compra do pescado que adquirem no Terminal pesqueiro. Eles ficam devendo a remessa para o despachante. Se não conseguem o resultado esperado em cima da venda ficam no prejuízo.

Nas afirmações de Filho et al. (2020, p.18), ao realizarem uma pesquisa sobre o mercado da piscicultura no Brasil no segmento de supermercados, afirmam que (63%) dos consumidores de Manaus, “optam pelo supermercado como principal local de compra de pescado, a peixaria aparece em segundo lugar com 15%, seguida das feiras com 11%”.

Outro galpão que passa por conflitos é o 4, que comercializa peixe e carne, estando na parte interna, é o penúltimo pavilhão onde apresenta dificuldades para vender o pescado. Funciona pela parte da manhã até as 14h e quando está em funcionamento, o tablado não pode vender para não haver concorrência e não atrapalhe a venda.

Nessa lógica, o Entrevistado **G**, que nasceu em Manaus, atua na Panair há 30 anos, cinquenta e cinco anos, morador do bairro São Lázaro, tem 83 anos, nasceu numa comunidade, Boca do Tabocal/Am, esclarece: *a espécie do pirarucu estava no defeso, mas, os comerciantes vendem apenas os peixes de viveiros, oriundos de municípios do Estado do Amazonas e Porto Velho, como, por exemplo, o tambaqui.*

Percebe-se que as espécies que estão em fase da proibição não são impedimento para o comércio, já que o pescado vem de criadouros, e na opinião dos feirantes isso também causa prejuízo.

A figura, mostra o boxe do feirante no horário de funcionamento, onde se pode perceber a comercialização da espécie de forma salgada e natural.

Figura 4: Boxe/ Galpão 4



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

No decorrer do diálogo, perguntamos como está a venda do pescado? O entrevistado **C**, morador de Educandos, afirma: “a movimentação não é tão grande, o movimento é pela manhã bem cedo e depois fica devagar”. Continuamos a entrevista e fizemos os seguintes questionamentos: de onde é trazido o pescado vendido em seu estabelecimento? Qual a logística da venda do pescado? Quem são os consumidores que compram aqui? Então a resposta foi a seguinte:

*Olha, o horário é rotativo, entre 04 as 12h da manhã, aqui funciona, e nos finais de semana também. Os peixes vendidos aqui vêm do interior como Fonte Boa, Autazes, Manacapuru. Os compradores são a população em geral e são peixes orgânicos, e seu destino são os consumidores. Nós compramos o peixe no terminal pesqueiro.*

No decorrer da pesquisa de campo percebemos que a rotatividade da feira é específica no que se refere aos horários. A organização, por exemplo, dos demais galpões como G4 e G5 tem horários díspares dos outros, conforme constatado nas entrelinhas da dissertação. O pescado vem diretamente do Terminal Pesqueiro, adquiridos com proprietários de barco de pesca ou despachante. Os consumidores são a população em geral e os pequenos estabelecimentos que fazem compras no varejo.

Figura 5- Boxe/Galpão 5



Pesquisa de campo,2023

Figura 6- Boxe/Galpão 6



Pesquisa de campo,2023

Quando perguntamos ao participante I, nascido em Manaus, 42 anos, que atua há 30 anos como feirante, de onde são os consumidores da feira? E quando e de onde ele compra os produtos para revender? Quando começou a trabalhar no local? Ele explica:

*Olha, posso dizer que 80% das pessoas que adquirem meus produtos moram próximas à feira e 20% são as pessoas que vem de longe, de bairros mais distantes, quando vem comprar o peixe". Olha, são da região, daqui mesmo, mas as cebolas, a batata, os tomates a beterraba, os melões, estes vêm de fora. Comecei a trabalhar aqui, com meu pai, devo meu trabalho a ele, uma história, tenho uma história com meu pai aqui. Na verdade, eu estou aqui desde criança, eu aprendi tudo com meu pai, teve uma época que eu fui servir nas forças armadas, mas depois voltei, e eu assumi aqui, meu pai deixou para mim, eu conheço muita coisa aqui, é uma vida (I).*

No transcorrer da pesquisa, notou-se que os feirantes, começam o aprendizado por meio de algum familiar, isto é, a prática herdada de pais/mães. E nesse processo, as relações sociais vão sendo desenvolvidas, repassado para geração seguinte. No âmbito da feira, os costumes, a forma de lidar com o público são apreendidas desde criança.

Magalhães (2010, p.18), reforça que no circuito da feira da Panair as práticas culturais transcendem gerações, e por esse motivo:

[...] os diversos povos que habitam a Amazônia, passam de pai para filho, e de um significado que determina a organização social entre funções de

homens e mulheres inseridos nestas comunidades ribeirinhas. Podemos perceber ainda as dinâmicas culturais, as mudanças e permanências de valores e significados quanto à prática da pesca atual, onde os próprios ribeirinhos percebem essas mudanças

Com os vínculos estabelecidos, o sentido e significado destes, para os diferentes os componentes da rede funciona no espaço estudado por meio das práticas oriundas do grupo familiar, bem como as regras, normas de conduta, hierarquias. Estas são significativas, podendo fazer sentido quando verificamos de perto a prática social onde são muitos os responsáveis em fortalecê-la.

As práticas são contadas através das histórias presente na memória das pessoas. A entrevistada **D**, casada, mora no bairro, Colônia Oliveira Machado, nascida em Coari, Amazonas. Feirante há 20 anos revendendo, farinha, açaí, polpa de fruta, carvão, tucupi, goma de mandioca. A forma de sustento, ocorre com a venda dos produtos.

No decorrer da pesquisa, conversamos, também, com a participante **F**, moradora do bairro Jorge Teixeira, natural de Coari que trabalha no Galpão 3, como feirante há sete anos. A coariense, afirma que o local funciona das 05: 30h da manhã até as 19h, inclusive nos finais de semanas e feriados.

Nesse setor, são expostos os hortifrútis, bem como tomate, cebola, batata, jerimum, pepino, feijão-de-corda, pimentão, cheiro verde, e algumas ervas secas para chás, conforme as imagens abaixo:

Figura 7: Boxe /Galpão 2



Fonte: Pesquisa de campo

No G2, existem produtos diversos, além de se comercializar, verduras, frutas, polpas de frutas, existem os produtos naturais como ervas medicinais, feitos com folhas de plantas regionais, água mineral, sucos de frutas.

Segundo Magalhães (2010, p38) no espaço da feira da Panair os agentes sociais são representados pelos,

jovens; famílias inteiras; senhores idosos e, especificamente, os jovens que, além de trabalharem naquele espaço, vivem suas vidas, se divertem; alguns, como jovens, transgridam as regras pichando muros, consumindo e vendendo drogas ilícitas; outros assumem como trabalho a venda de artigos diversos como ambulantes, vendendo vários objetos comprados no centro da cidade que vão de artigos para cozinha até objetos de uso pessoal e eletroeletrônicos, seus compradores assíduos são os pescadores que moram em seus barcos e ancoram no Terminal Pesqueiro.

Nos espaços Amazônicos, como as feiras, novas figurações são formadas. Nos ambientes observados os pescadores, despachantes, feirantes, proprietários de barcos. Suas práticas revelam quem são e o que fazem. Nota-se que realidade do emprego informal, realizado em horários distintos, através da distribuição, desembarque, abastecimento e comercialização no porto da cidade de Manaus, vindo de municípios, comunidades, e outros estados brasileiros.

No processo da informalidade, a participante **B**, explica de uma forma introvertida,

*Quem organiza os horários é o administrador, abre sábado e às vezes abre dia de domingo, depende do movimento. Aqui nesse Galpão vende de tudo, verduras, frutas embalagens. Vem pessoas de todo lugar para comprar. Aqui no nosso boxe nós pegamos os materiais de empresas e fábricas para vender, aqui mesmo de Manaus. Eu trabalho para a responsável na base de embalagens, tomo conta para ela.*

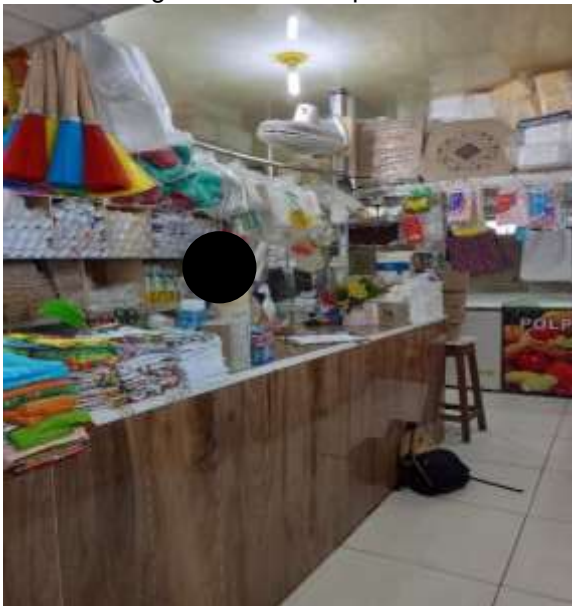
Na entrada principal nota-se que os produtos do primeiro pavilhão são perecíveis e não perecíveis. Alguns serviços no ramo da beleza neste mesmo setor percebemos salões de beleza. Porém, os hortifrutigranjeiros, eletroeletrônico, acessórios para viagens, vestimentas, beleza e embalagens de vários tamanhos e modelos, ganham destaque no G1.

A ilustração, mostra os materiais específicos do *stand* de embalagens, bem como sacola plástica, sacos, guardanapos e toalhas de papel, copo descartável, espanadores, sacos de fibras e guardanapos de tecido. Os materiais vislumbram a diversidade funcionais que se apresenta do peixe ao reciclável, geralmente adquirido



pelos indivíduos que trabalham no porto, então, é assim que o local se destaca comercialmente.

Figura 8- Boxe/Galpão 1



Fonte: Pesquisa de campo ,2023

Figura 9- Boxe/Galpão 1



pesquisa de campo,2023

A Panair comercializa variedades de materiais. Em seu interior ou fora dele o comércio não cessa. As relações são desenvolvidas por atores sociais que vivem do comércio informal, conforme a observação da participante **E**, que mora no bairro, Colônia Oliveira Machado, e negocia variedades de produtos regionais, há 10 anos, comercializa verduras, frutas, ervas medicinais, farinha, goma de mandioca.

Figura 10: Boxe/Galpão 3



Fonte: Pesquisa de campo,2023

Figura 11: Boxe/Galpão 3



Fonte: Pesquisa de campo,2023

Sobre a dinâmica do horário de funcionamento, consumidores, quem são os feirantes, e os produtos, origem dos produtos, o participante **E**, afirmou como se destaca tal interação.

*A movimentação aqui é boa pela manhã e aqui funciona das 05 às 20h, nos finais de semanas feriados os horários são das 05 às 13h, mas depende de como vai à movimentação. Os feirantes são as pessoas que trabalham aqui, os donos de bancas e seus familiares aqui são muito comuns. Olha, os que compram aqui da gente são os donos de restaurantes e consumidores em geral. Nós compramos os produtos das canoas, e lá na escadaria. Muitas pessoas de restaurante vêm comprar aqui para fazer sopa as verduras e legumes.*

Entre o ir e vir da feira, depende do dia e horário. No horário da manhã, nos finais de semana, as vendas ficam melhores. O feirante tem que aproveitar para não perder o movimento. A rotatividade dos horários foi pensada entre os permissionários (feirantes), juntamente com a administração do local. Porém, cada um trabalha no horário que achar melhor, com exceção do Galpão 4 e 5 que tem horários determinados para funcionar.

Dessa maneira, o local pesquisado, deu a oportunidade de aproximar a pesquisadora aos indivíduos que trabalham e interagem no porto e na feira. Tal análise, também, nos dá a noção de como a atividade da venda do pescado. Portanto, objeto anterior, não é mais o mesmo, porque a percepção, movimenta-se em cada agente social que dialogamos.

Assim, em cada lugar, as redes ganham força de acordo com sua funcionalidade, a exemplo da comercialização atacadista na Balsa de ferro. Estar nessa relação requer entender também suas ambiguidades, necessidades, disputas, poder.



## CAPÍTULO II

### EMBARQUE, DESEMBARQUE E COMERCIALIZAÇÃO DO PESCADO

*Amazonas moreno. Tuas águas sagradas. São lindas estradas. São contos de fadas. O meu doce rio. A canoa que passa. O voo da garça. As gaivotas cantando. Em ti vão deixando. O gosto de amar. É o caboclo sonhando. Que entoa remando. O seu triste penar.*

*Celdo Braga*

#### 2.1 Considerações sobre o local

O Terminal Pesqueiro de Manaus, está localizado na avenida, Rio Negro, 382 – Educandos, na zona centro sul de Manaus. Faz parte do estudo porque ser um elo importante com a Feira Municipal da Panair. Composto por 03 (três) balsas integradas, tem aproximadamente 50 metros cada, totalizando 150 metros de extensão.

Leiloado no ano de 2022, e arrematado<sup>10</sup> pela empresa Amazon Peixe Aquicultura. Mesmo com a alteração ainda, continua sendo o maior responsável pelo embarque, desembarque e comercialização do pescado. Seu funcionamento ocorre de segunda a sábado no horário das 22h até a madrugada.

Aguiar e Carvalho (2017, p.1), revelam que, o porto de desembarque de Manaus é um dos pontos importantes da cadeia pesqueira, ele é o maior das seis macrorregiões que representam a calha Solimões-Amazonas. É o que mais concentra volume de desembarque do pescado, ele é responsável por (42%), seguido por Belém (15%) e, Tabatinga, (6,5 a 12%).

Na pesquisa de Gandra (2010, p.40), o porto da região, atual Terminal Pesqueiro é único e mais importante para o desembarque, comercialização e distribuição de pescado, no Município de Manaus, está localizado na orla fluvial do porto da Panair, compreendendo um tamanho específico:

[...] uma área de 50 metros à sua direita, como também 50 metros à sua esquerda (Decreto Municipal N0 7.925 de 07/06/2005). A responsabilidade pela gestão do Terminal de Desembarque do Pescado, é da FEPESCA

---

<sup>10</sup> Fonte: <https://g1.globo.com/am>.

(Federação dos Pescadores dos Estados do Amazonas e Roraima). É o porto oficial da cidade para o desembarque do pescado.

Atualmente, o Terminal Pesqueiro foi privatizado, não sendo mais de responsabilidade da Fepesca. Mas, ainda, continua sendo o maior porto de desembarque do pescado, porém de responsabilidade privada. Por esse motivo, as atividades continuam e o comércio é desenvolvido pelos donos de barco, despachantes, pescadores, frigoríficos, feiras.

Para dar ênfase as mudanças ocorridas no Terminal é que ele já teve sua organização e administração, regulada por duas instituições sociais: a Federação dos Pescadores dos Estados do Amazonas e Roraima (FEPESCA) e a Colônia de Pescadores da Zona Doze (Z-12). Presentemente, deixou de ser gerido por estas organizações, passando então a ser administrada por uma empresa privada.

O comércio pesqueiro, “funcionou próximo a Feira da Manaus Moderna no Centro, no Porto Adolfo Lisboa”<sup>11</sup>, em seguida transferiu-se para o porto da Panair em que a venda pesqueira faz parte do universo dos donos de barcos, despachantes, escolhedores, contadores de peixes, carregadores, pescadores e compradores, constroem memórias e histórias, “a história é um meio primordial, donde se caracterizam pela interrelação de fatos, processos e dinâmicas dos sujeitos históricos, individuais e coletivos” (Le Goff, 1996)<sup>12</sup>.

## **2.2 Comercialização do pescado**

No processo de mudanças de público para privatizado, o Terminal Pesqueiro, continua com a função de embarque e desembarque pesqueiro, porém tem a finalidade, ainda de comercialização atacadista do pescado na cidade de Manaus. Ao serem desembarcados são vendidos aos intermediários e/ou despachantes, frigoríficos, feirantes, ambulantes, restaurantes e em menor número a população em geral. A comercialização inicia-se por meio da negociação do produto com os donos de barco a recreio ou de pesca. Na imagem abaixo, a balsa de ferro onde o pescado é, desembarcado e transportado para as feiras e frigoríficos da cidade e municípios do estado, nota-se que a exposição fica nas laterais da balsa, quem vende é o despachante e dono de barco pesqueiro.

---

<sup>11</sup> SANTOS, Carolina; SANTOS, Geraldo. Sustentabilidade da pesca na Amazônia. Dossiê Amazônia Brasileira II • Estud. av. 19 (54) • Ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em 20 de abril de 2022.

<sup>12</sup> LE GOFF, J. História e Memória. 4 ed.; São Paulo: UNICAMP, 1996.

Figura 12 -Terminal Pesqueiro no horário de funcionamento



Fonte: pesquisa de campo,2023

Um das figuras mais “importantes” na comercialização do pescado é o despachante, é ele que na maioria das vezes negocia o pescado. Eles vendem, mesmo antes da chegada do barco ao porto. Quando o barco está bem próximo da balsa, percebe-se uma agitação entre eles. Isso acontece, porque há preocupação de um local bem-posicionado para atracar.

Quadro 3- Participantes da entrevista no Terminal Pesqueiro de Manaus

Local: Terminal de Cargas e pesqueiro de Manaus				Data das entrevistas: 14/02/2023			
Participante	Sexo	Idade	Estado civil	Natural.	Setor/Função	Bairro	Tempo de atuação
(A)	M	62	Casado	Coari	Barco de pesca/Pescador /geleiro	São Lázaro	20
(B)	M	48	Casado	Tapauá/Am	Despachante/Pescador	Comunidade.	15
(C)	M	54	Casado	Manaus	Dono de barco/pescador	São Lázaro	33
(D)	F	35	Noiva	Manaus	Despachante	São Raimundo	20
(E)	M	44	Solteiro	Canutama	Pescador/Despachante	Compensação II	6
F	M	50	Casado	Manaus	Administrativo	Manacapuru	10 meses

Fonte: pesquisa de campo,2023

A tabela foi elaborada através do formulário de entrevista, diálogos, observações e anotações. Antes da aplicação do formulário, conversamos com a gerência por meio de mensagens e presencial para saber a possibilidade da realização da coleta de dados. A orientação foi que entregássemos ofício na administração do Terminal.

A pesquisa nos permitiu, entender que as funções desenvolvidas pelos indivíduos que trabalham no local, realizam diversas tarefas. A tabela acima, tem informações de que eles possuem mais de uma atribuição. Ao longo da experiência, quando chegam a função de despachante, é porque há muito tempo, atuam como pescador.

Na entrevista com o participante **A**, ele diz: *estou aqui com tudo organizado, já tem local para ficar, estou vendo isso. Os barcos, mesmo no meio do rio, avisam para o despachante que estão perto, ele providencia o local para ancoragem na balsa. Situação em que há disputa para aquisição de um lugar para descarregar o pescado.*

Ao ser questionado o participante **B**, sobre quem são os compradores do pescado no Terminal? Ele enfatiza:

*eu sou despachante, faço a mediação da venda do peixe aos feirantes, ao frigorífico e feiras, mas eu vendo mais para as feiras, a feira da Panair compra também, aqui eu vendo para os feirantes, mas no meu caso quando eu faço a negociação com o dono do barco, ele fica no barco e quem vende na caixa sou eu.*

Observa-se outra forma de negociar (revenda), já que existe aquela realizada pelo despachante, porém ele compra e pescado e distribui. O caso apresentado acima, refere-se a venda para ganhar percentual que varia de 5 a 9%, isto é, referente ao ganho do atravessador que, participa da rede junto com os barcos específicos de pesca.

### **2.3 Desembarque do pescado**

A rede de comercialização do pescado, é extensa, pois antes do processo de desembarque, ocorre diferentes movimentos desde a produção, transporte, desembarque. A pesquisa mostra, dois tipos de desembarque em especial: os peixes que são retirados dos barcos de pesca e os do barco recreio. Os barcos possuem

funcionalidades diferenciadas. O primeiro, é para trazer o pescado para o porto, após a produção. O segundo, além de desembarcar pessoas, traz, peixes, frutas, animais.

O descarregamento via barco de pesca, acontece via tripulantes. No barco a recreio, por meio dos passageiros, mercadoria e produtos. Ambos, fazem parte do processo de transporte do pescado nos rios amazônicos, porém, cada um com atribuições, e funções diferenciadas.

No primeiro caso, os barcos de pescas, preparam-se para a pescaria, organizando os recursos, humanos, financeiros e materiais para que a pesca se realize. No caso dos recreios, estes embarcam pessoas e materiais para as comunidades e municípios próximos. Não saem armados para pesca, seus responsáveis, compram o pescado de pequenos pescadores nas comunidades e trazem com os passageiros até o porto de Manaus.

Em relação ao barco recreio, perguntamos se ele fazia o papel do barco intermediário, o entrevistado **C**, que é despachante e pescador, pontua: *“Isso, eles fazem esse papel também, e não deixam de ser isso, é diferente do barco de pesca que já vai com seu responsável, todo equipado, apenas com essa função”*

Atualmente, o terminal recebe os barcos a recreio, situação que não existia antes da privatização. Inclusive é algo que tem sido motivo de questionamento por parte de algumas pessoas. Quando questionamos sobre os desafios encontrados para os donos de embarcações no Terminal pesqueiro?

O participante e dono de barco **C** afirmou:

*Eles não nos consultaram a gente, eu não fui consultado, essa era uma situação que a gente devia participar.... quando a gente soube já tinha sido feito. Hoje tudo aqui é pago. Pagamos vinte reais para vender o peixe aqui na caixa, não temos nem lugar para encostar o barco de tanto barco recreio*

Observa-se a insatisfação sobre os barcos a recreios encostarem na balsa de ferro, não aceitam por conta do custo que se tem para realizar a pesca. O responsável pelo local, o participante **D** enfatiza: *o gelo custa caro para armazenagem das espécies trazidas pelos barcos de pesca*. Nesse processo, quando foi questionado sobre o custo para realizar a pescaria num barco de pesca, o mesmo participante **D**, proprietária de embarcação e despachante, alega:

*O custo gira em torno de nove R\$: 9.000,00 a R\$: 29.000,00 mil reais, dependendo do tamanho da embarcação, o custo é bastante alto. Eu sempre trabalhei com a pesca por isso eu sei o quanto se gasta e ainda, temos que pagar a caixa que é vinte reais para vender o peixe”.*

Quando o barco pesqueiro sai do porto, ele já sai armado, isto é organizado, equipado com os instrumentos para fisgar o peixe (malhadeira, arrastão), pessoas (tripulantes), alimentação, armazenamento (gelo). A pescaria não tem dia certo para terminar. São semanas de trabalho prolongado e exaustivo.

Nos questionamentos, sobre o tempo que passam no rio, o pescador e dono de embarcação, participante **C**, ressalta:

*Olha, não tem dia certo não, depende de como vai ser a pesca e se é cheia ou seca, uma coisa é a pessoa fazer isso quando enche e outra é quando seca porque a gente se separa do barco, ficamos em igapós e as vezes nem voltamos para o barco, ficamos por lá mesmo”.*

O trabalho dos pescadores não é simples, já que são os responsáveis em obter o resultado esperado do que se investiu. Ao chegarem no barco, o dono da embarcação tem que ter um resultado acima do que foi aplicado. Então, na época da cheia eles dormem na beira do rio, próximo aos igapós. Isso acontece porque precisam vigiar a malhadeira para não perder o pescado.

Nesse ciclo, observa-se o uso da malhadeira, instrumento muito utilizado na região que serve para o desenvolvimento da pesca, de acordo com Santos; Ferreira; Suazon (2009, p.13):

A pesca se desenvolveu a partir da combinação das culturas indígenas locais e europeias. Após séculos utilizando métodos tradicionais, essa atividade sofreu dois grandes impactos: um, na década de 1930, com a introdução da rede de cerco, e outro na década de 1960, com a chegada dos fios de náilon, mais resistentes e baratos, para a confecção das malhadeiras, sendo esses, até hoje, os principais métodos de captura de peixes na região.

A malhadeira é um instrumento adaptado na região até os dias atuais, é muito usado para a pescaria e, é mais barato para o dono de barco pesqueiro por ser elaborada com fios de náilon e tecida com orifícios pequenos com objetivo de prender o peixe por suas nadadeiras.

De acordo com Ferreira e Matos (2007, p.80):

Os peixes acompanham a enchente do rio e vão adentrando os igapós. Para capturá-los, os pescadores devem possuir conhecimentos da área e pôr em prática suas habilidades corporais e, nesse caso, o domínio da técnica de pescar de caniço e arco e flecha possibilita bons resultados.

Não se trata apenas em lançar a malhadeira, mas, deve-se ter ciência de como e quando fazer isso. Ela faz parte de uma parcela das técnicas que o pescador põe

em prática, noção esta que não precisou ir à escola aprender porque faz parte da experiência de vida dos homens da pesca. Cada pescador tem um interesse particular de pescar em grande escala para vender ou em pequena quantidade.

O que na ótica de Barra, Dias e Carvalheiro (2010, p.13), o pescador faz um pouco de cada atividade por meio de seus instrumentos. Pesca para vender em abundância, para se divertir e “nem todos conseguem entender o interesse do outro, fazem um pouco de cada atividade, depende do momento, do interesse de comércio, de suas habilidades e vontades”.

Para Rivas e Freitas (2006, p.2), a malhadeira é muito usada pelos pescadores que trabalham nos barcos, pois eles precisam pescar em abundância. Elemento muito utilizado, “nos primeiros seis meses do ano, em regra entre abril e junho, ocasião de enchente, que coincide com a migração de determinados tipos de peixes e sendo uma das primeiras que surgem na Amazônia, especificamente para venda”.

No Livro, “O Pescador: histórias, instrumentos e técnica e folclore” de Mário Ypiranga Monteiro (2010, p.82), observamos um modo de pescar, diferente das anotações utilizadas por Cristóvão de Acuña (1941, p.182), onde ele relata, a utilização de um modo de pescar, peculiar, “conforme as variações do tempo e as enchentes ou vazantes das águas, quando estas baixam, tanto que já os lagos secam sem ter comunicação com o Rio, usam uma espécie de trovisco, que chamam de timbó”. Esse era uma de árvore que servia para atordoar os peixes e assim, conseguiam pegá-los com as mãos.

Portanto, Monteiro (2010), diz que os métodos de captura como flecha (sem tradução), arpão ou zagaia (farpa de ferro que se introduz na carne do animal), caniço (usado para peixes pequenos, instrumentos feitos de galhos de árvores e finos), pindá-aucá<sup>13</sup> (anzol com pluma ou isca), pindá-siririca (comprida linha de anzol emplumado em um caniço), pari (varas ligadas por um cipó), e entre outros, tiveram seu ciclo transformado com a chegada dos europeus.

Alguns, ainda são adaptados e utilizados para conseguir a safra estimada, porque os donos de barcos saem para a pesca durante o ano todo, mas existem períodos, mais suscetíveis por conta da mudança de da seca para cheia e instrumentos adequados como a madeira.

---

<sup>13</sup> Os nomes dos instrumentos indígenas estão disponíveis na obra de Mário Ypiranga Monteiro: O pescador

Gonçalves e Batista, (2008), afirmam que os rios proporcionam maior produção na época de cheia, a utilização de rios, tanto por embarcações de pesca quanto por barcos motorizados na fase de enchente. Isso, possivelmente, ocorre por conta da elevada presença de cardumes nos ambientes de pesca. As embarcações zelam pelos instrumentos de pesca porque através deles conseguem capturar as espécies. O cuidado requer limpeza e secagem para estender o tempo de duração dos fios de náilon. A imagem a seguir, mostra a malhadeira estendida na parte superior do barco.

Figura 13: Malhadeira na parte superior do barco de pesca



Fonte: pesquisa de campo,2023

Após seu uso, malhadeira é estendida na cobertura da embarcação. Colocam para secar e conservar. Ao retornarem ao rio o instrumento estará em bom estado. Perguntamos do pescador e entrevistado **A**, quais os instrumentos mais utilizados para a pesca? Ele disse: “*usamos mais a malhadeira mesmo, ela é a mais utilizada*”.

A utilização da malhadeira, nas análises de Matos (2015, p.287), precisa de habilidades, bem como:

[...] perceptivas, motoras ou condição física. De posse do aparato tecnológico o pescador seleciona a área por onde os peixes passam[...] cuja extensão pode ser maior do que cem metros uma emendada na outra. Se a malhadeira for colocada num rio de água preta, quanto mais escuro e chuvoso, estiver o dia, mais propicio para camuflar o artefato para confundir os habitantes das profundezas.

Nas observações acima, a malhadeira tem objetivo de capturar quantidade maior sem distinção ou tamanho, encurralando-os nas tessituras de náilon estendidas



nos rios e lagos da região em que mais aparecem as espécies. Não é qualquer pescador que consegue estendê-las, necessita-se de experiência para usá-la.

Os pescadores, normalmente, exercem dupla jornada, mas “dedicam maior parte do seu trabalho a pesca artesanal, com o uso de redes e malhadeiras, e espinheis para a captura dos peixes de couro ou lisos” (Tinoco,2001, p.10). Às vezes o trabalho duplo para alguns pescadores não é tão fácil. Ficar semanas longe de casa até trazer a quantidade esperada para o dono da embarcação não é tarefa que depende somente deles. Os pescadores, são os maiores responsáveis pela pescaria, deixam o barco para ficar nos igapós e, quando retornam, precisam trazer na canoa uma quantidade de pescado, satisfatória.

Às vezes a pescaria acontece com arpão, arco e flecha e caniço. Mas para os barcos de pescas não seria possível conseguir quantidade necessária para a comercialização. Por esse motivo, nessas relações, seja para o sustento ou para o comércio, a malhadeira, continua sendo a melhor opção (Matos,2015).

## **2.4 Transporte do pescado**

O pescado é retirado dos barcos a recreio e de pesca. Contudo, os barcos a recreios não transportam somente pescado (peixe de ponta), eles servem também para o transporte de pessoas, algo muito comum na região amazônica. O barco de pesca transporta o pescado (peixe de pesca) e os tripulantes, como sendo os que trabalham diretamente no barco, bem como os pescadores, cozinheiros, responsável ou dono da embarcação.

Ao anoitecer, notam-se muitos barcos ancorados no terminal (balsa de ferro), todavia entre 21 e 22h, outros barcos começam encostar. São poucos os que chegam nesse horário, porque já tem muitos na expectativa, ancorados no porto. Antes da liberação da venda, observamos uma agitação entre as pessoas. A negociação já ‘acontece mesmo antes de os barcos atracarem.

De acordo com Santos (2010, p.16), no Porto da Panair no Terminal Pesqueiro, “atracam os barcos advindos de comunidades ribeirinhas dos municípios de Manacapuru, Careiro, Novo Airão [...] cuja função do terminal pesqueiro deve ser de exercer o embarque e desembarque do pescado”.

Assim que o horário é liberado para o comércio os tripulantes, carregam imediatamente o pescado para as caixas de alumínio feita para exposição. O desembarque, acontece assim que chega no porto. Há uma aglomeração de pessoas,

bem como despachantes, donos de embarcação, feirantes, pescadores, carregadores, escolhedores.

Várias espécies são desembarcadas, mas eles têm cuidado com a questão das que estão na época do defeso. Quando foi perguntado quais os peixes que mais desembarcam e de onde são trazidos, o participante **B** respondeu: “*tambaqui, tucunaré, pirarucu, pacu, curimatã, aruanã, sardinha, jaraqui e entre outras. Eles vêm do Solimões, Negro, Purus, Baixo Amazonas.*”

## 2.5 Origem e destino do pescado

O local abastece vários bairros da cidade por meio das feiras, supermercados que compram o produto no atacado. A venda acontece em dois locais, na balsa e na entrada do terminal. Aqueles que comercializam na entrada (portão), são os peixes trazidos de Porto Velho, eles estacionam os caminhões frigorífico e fazem a venda ali mesmo. Os peixes leiloados na balsa são dos donos de embarcações que trazem o pescado dos rios amazônicos, madeira, negro, baixo amazonas e de viveiros de municípios do Amazonas, como Anamá e Beruri.

A movimentação acontece desde as 17h, porém a venda é somente liberada às 22h. Os barcos ancoram na balsa e esperam o momento para vender o produto. O pescado é comercializado de duas maneiras: o despachante compra as espécies da embarcação e aumenta o valor de venda; a segunda, o despachante vende o pescado para o dono do barco e ganha uma porcentagem em cima do que vender.

A duas formas de negociação é observada na fala da participante da pesquisa “**C**” quando foi perguntado como ocorre a comercialização do pescado em sua visão. Além de ser despachante, é proprietária de algumas embarcações há mais de 15 anos.

*Eu trabalho com peixe de ponta e de pesca, os barcos que pescam e os recreios compram e os que pescam que sai no dia, aí eles esperam os cardumes sair e eles ligam para avisar, olha pegamos não sei o quê, aí eles trazem. Já os de compra, eles já conversam comigo para saber o preço, que está saindo aqui para poder comprar senão eu nem compro. A maioria dos barcos pequenos são de pesca.*

A entrevistada, afirma que se faz necessário negociar antes com o dono do barco de pesca ou intermediário o pescado que será vendido. Uma venda, representa o dono da embarcação e a outra a comissão. A comissão dos proprietários das embarcações, giram em torno de 5% por cento ou mais.

Essa é uma relação em que a comercialização entre pescadores locais e os agentes de comercialização, em geral, acontece, através do aviamento, seja,

Relação desigual entre pescador e comprador. O problema nesta relação socioeconômica é que o pescador geralmente paga a sua dívida com o “aviador” com bastante dificuldade, devido ao fato do preço dos produtos vendidos por este ser bastante elevado, ao passo em que o preço pago pelo pescado se mantém estagnado. Esta relação desigual faz com que o pescador não consiga manter uma receita estável e satisfatória, pois mesmo que possa pagar sua dívida, sobra bem pouco para investir em outras necessidades (Fraxe et al, 2007, p.189-190).

Podemos imaginar que o pescador seja muito bem remunerado, nos enganamos, porque é o menor da escala de trabalho e a lucratividade é dos proprietários, apesar de o trabalho ser longo e cansativo requer muito esforço físico. Portanto, mesmo numa escala maior de safra, o pescador não é bem recompensado.

O destino do produto, depende de como a negociação acontece, pois isso é articulado pelos agentes de duas formas de comercialização: atacado e varejo, as duas funcionam de modo diferente, em terra nos barcos e balsas que encostam no Porto da *Panair*. Os que participam dessa rede, geralmente, são os pescadores ribeirinhos, pescadores autônomos, donos de embarcação e/ou despachantes (Parente e Batista,2005).

Para os autores no porto ou em terra, tanto o varejo quanto o atacado quem realiza, é “o despachante que e se posicionam no próprio barco que despacha, à espera de compradores (feirantes, comerciantes varejistas, intermediários atacadistas e frigoríficos. Quanto à venda em terra, ocorre no interior da feira, o esquema de funcionamento tem às mesmas normas do “leilão” que acontece no porto. Processo este que se modificou, principalmente a partir da privatização do Terminal.

Na análise de Parente e Batista (2005, p.379), os despachantes, representam os comerciantes no atacado, e feirantes (, representados pelas feiras, mercados de pequeno porte, pequenos comerciantes, representam o varejo. O quadro abaixo nos informa os locais de onde são trazidos os peixes.

Quadro 4- Origem do pescado

Local/Município/Comum.	Rios	Espécies
Fonte Boa	Solimões	Surubim, sardinha Matrinxã, tucunaré
Maraã	Japurá	Surubim, sardinha
		Matrinxã

Tefé	Jutaí, Solimões e Juruá e banhado pelo rio Solimões.	Surubim, sardinha Matrinxã
Coari	Solimões	Tambaqui, pirarucu, Jaraqui, pirarucu
Beruri	Purus	Pacu, tucunaré, curimatã, pirarucu
Anamã	Purus e Solimões.	Pacu, tucunaré, curimatã
Não informado	Negro	Surubim, sardinha Matrinxã
Não informado	Madeira	Surubim, sardinha Matrinxã
Não informado	Baixo Amazonas	Tambaqui, pirarucu, pacu
Porto velho	Viveiro	Pirarucu (Viveiro)

Pesquisa de Campo, 2023

Com relação a estas variáveis, a tabela 4, mostra uma tendência de comercialização de peixes pequenos. A ictiofauna amazônica está representada pelo pirarucu, tucunaré, curimatã, sardinha, surubim, matrinxã. Na época da coleta encontravam-se no defeso o pirarucu, e tambaqui, e os que estavam sendo leiloados eram de viveiros.

Através da tabela 4, observa-se que o pacu, surubim, sardinha e matrinxã, ocupam uma posição relevante em seis municípios- Fonte Boa, Maraã, Tefé, Coari, Beruri, Anamã. Para efeito de compreensão, foram mantidas análises entre os rios e municípios, ressaltando-se que estas foram relativizadas através das respostas resultantes dos formulários.

Freitas e Rivas (2006, p.17), na pesca, comercial são capturadas espécies de variados tamanhos por conta da enorme biodiversidade da região, a qual contribui para a questão esse tipo de pesca que não se realiza em qualquer ambiente. Os pescadores conhecem os rios, lagos da região onde podem ter a captura satisfatória. Processos nos quais permeiam as funções, as figurações onde eles estejam pescando ou vendendo.

O experiente pescador/geleiro de 62 anos, coariense, acostumado a observar a venda do pescado para os frigoríficos e feiras, afirma:

*[...]nós negociamos com eles por ligação até quando estamos no rio Esses peixes são de Jutaí, Solimões, Japurá, Fonte Boa, Maraã". A dificuldade encontrada é que não tem um preço bom para o pescado, alguns vão para a prática da compra porque ganha mais (A).*

Na Amazônia os peixes, apresentam estratégias notáveis que se adaptarem às mudanças sazonais nos diversos rios e lagos que ocupam. A apreensão destas “adaptações é de fundamental relevância para o entendimento da abundância e da composição dos recursos pesqueiros e, conseqüentemente, para a definição de políticas de manejo da pesca” (Ruffino,2004).

No barco de pesca comercial as espécies amazônicas são capturadas por pescadores, geralmente categorizados como “profissionais”, são pagos pelo dono da embarcação que arca com seus pagamentos. Os acertos são realizados, anterior a pescaria.

Ruffino (2004), diz ter dois tipos de pescadores, participantes da pesca comercial, são eles:

Os pescadores operam a partir de barcos de pesca ou pescam e vendem grande parte de sua produção para as “geleiras” (embarcações com caixas ou urnas com gelo). Os pescadores comercializam sua produção nos mercados dos centros urbanos municipais, ou enviam diretamente para grandes centros urbanos, transportando a produção em caixas de isopor com gelo nos barcos de linha regionais ou enviam indiretamente através da intermediação das geleiras (p.80)

O pescador das comunidades, costumam capturar as espécies e vender para os barcos que fazem linhas para a cidade e os que trabalham nos barcos de pesca (geleiras) contratados por seus proprietários. Na comercialização do pescado, além de existir as funções, também se percebe os instrumentos para a exposição, desembarque, embarque, pesagem, armazenagem.

## **2.6 Instrumentos da comercialização do pescado**

Os instrumentos utilizados na comercialização do pescado no Terminal pesqueiro são respectivamente as caixas expositoras, carrinhos de ferro, balança, caixas de madeira, caixas de plástico, caderno do contador, calculadora. Em cada processo, utiliza-se um tipo de utensílio, todos com finalidades específicas.

O pescado é retirado dos barcos somente no horário permitido. Após a autorização é carregado e colocado na caixa de alumínio para exposição. Ao fechar a venda, o produto é contado, pesado, anotado pelo contador e carregado em sacos de fibra e caixas de madeiras marcadas por numerações. Os carregadores levam o produto para os carros fretes.

A Amazônia é repleta de complexo cultural o que para Elias (1980), nada mais é que o *habitus*, e na visão de Benchimol (2008, p.2), é compreendida como um conjunto tradicional de “valores, crenças, atitudes e modos de vida”, delineiam a organização social e o sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais. A forma de viver são apreendidas da floresta, rios, lagos, várzeas e terra firme. Os costumes são responsáveis pelas formas de economia de subsistência e de mercado e desenvolveram o homem e a sociedade, ao longo de cem anos, conhecidos como processo histórico e institucional.

Os hábitos, observados na pesquisa de campo, e seu trajeto histórico, serve para percebermos que tais aprendizados, aparecem em figurações amazônicas vivenciadas pela prática de venda do pescado na Balsa de ferro.(Monteiro,2010, p.25), um “conhecimento especial dos seus hábitos e convivências com outras espécies, e, portanto, um método diferente para obtê-lo, é preciso a soma de conhecimentos imprescindíveis”, ou seja, quem trabalha com a pesca, seja com a venda ou captura, requer experiência e técnica de anos com o peixe ou grupo de peixe.

Ao perguntar, alguém precisou, estudar para comercializar, pescar, carregar, manobrar embarcação? O participante **C**, adverte:

*Eu nunca precisei fazer curso de pesca, tudo a gente aprende no dia- a -dia. Aprendi porque tenho que trabalhar e sobreviver. No momento, o que queremos é mais respeito, alguns aqui não tem residência própria e tem que dormir no barco.... mas, sabem usar malhadeira para peixes mais comuns, pequenos e grandes, E ainda sabem guiar os barcos.*

Observamos que o pescador, esboça seu sentimento de um saber produzido durante 20 anos que, conforme, Witkoski (2009, p.166) significa:

A transmissão dos conhecimentos das populações locais, como as comunidades de pescadores ribeirinhos da Amazônia, realiza-se pela continuidade dessas práticas, por intermédio de uma convivência em grupo, ou dos registros mentais perpassados de pai para filho, onde, neste caso, o mais velho possui um papel relevante para essa transmissão, configurando-se como uma espécie de escola informal onde se transmite uma verdadeira ciência do concreto. (Witkoski, 2009, p.166).

Se conversarmos com os sujeitos da pesquisa do Terminal, eles transmitem sem pestanejar o que sabem, explicam sem sombra de dúvidas: o tipo de instrumento utilizado, época mais propicia para a captura. Apreende-se o quanto é extraordinário

conservar as atividades socioculturais, repassadas entre o grupo que pesca, carrega, escolhe, contabiliza, vende.

As habilidades trazidas para a discussão estão presentes na essência da comercialização do pescado entre os pescadores artesanais, carregadores, escolhedores. Mas não se pode esquecer que eles são os que mais vivenciam jornadas intensas e cansativas de trabalho informal que os impedem de avançar na área socioeconômica e conseqüentemente a sobrevivência fica cada vez mais “desigual” e complexa.

Na crítica de Gandra (2012, p.21), ao estudar sobre “Mercado do pescado da região metropolitana de Manaus”, aponta que o dinheiro contabilizado pelos pescadores é insignificante, pois segundo ele, revela a realidade das pessoas que sobrevivem da pesca e/ou da sua comercialização, produção.

O valor condizente com o baixo nível de qualificação da mão-de-obra, entretanto, essa atividade é geradora de renda, e é devido a uma extensa intermediação entre o pescador e o consumidor final, que ocorre uma grande valorização e lucratividade na atividade da pesca (p.21)

À insignificância é imensa se compararmos a jornada de trabalho dos pescadores que atuam nos barcos de pescas. Os ganhos consistem em média de 1 a 2 meses, o deslocamento para a pescaria, apresenta duração variada, porque se leva em consideração o tipo de embarcação empregada. No entanto, ao retornarem, necessitam chegar a tempo para a comercialização que se desenvolve às 22h.

O trabalho da pesca feita pelos grupos que saem nos barcos com os proprietários se realiza nos diversos ambientes aquáticos, dos rios e lagos existentes nas localidades, afirma o participante C:

*Sou proprietário de embarcação, tenho 54 anos e o pescado que trazemos são dos rios, Negro, Solimões, Madeira, Baixo Amazonas, o feirante compra daqui e daqui vai para o consumidor final através das feiras. Isso tudo acontece por uma equipe que sai junto comigo, principalmente no verão onde lançamos a rede e o arrastão.*

Os tripulantes do barco de pesca são entre 5 e 12 pessoas e não tem data marcada para retornar. Com vasta domínio acumulado, explica o que acontece quando o pescado é descarregado. Uma rede formada por indivíduos que com outros se constroem, costumes/hábitos.

A demonstração a seguir diz respeito a exposição do pescado trazido pelas embarcações e comercializada nas cubas de alumínio pelos despachantes e proprietários de embarcações (recreio e de pesca). O pescado é retirado dos transportes aquáticos mais conhecidos como: recreio e pesca. Ambos são elementos indispensáveis para a rede de distribuição, produção, negociação e desembarque.

Figura 14- Caixa expositora de alumínio (exposição dos peixes)



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

As caixas de alumínio são para a exposição do pescado, em que o comprador aprecia o produto que deseja adquirir. Os expositores têm o tamanho de 1,5 metros quadrados, são alugados pela empresa responsável pelo terminal pelo valor de R\$ 20 reais. De longe são avistados a aglomeração próxima aos recipientes, muitos indivíduos em volta têm curiosidade de saber sobre as espécies, preço, peso, origem.

Não é difícil saber informação sobre a precificação do pescado, porque ao lado da caixa de alumínio o despachante ou dono do barco está posicionado. É da comercialização do pescado que depende rentabilidade dos grupos envolvidos em atividades como esta. Os que vendem o pescado, precisam custear o recipiente de alumínio e/ou mostruário para exposição. O recipiente são vitrines para os clientes observarem o peixe que desejam comprar.

A despachante que denominamos de **D**, dona de barco e despachante, explica:

*Temos que pagar para utilizar as caixas para expor o peixe que a gente compra, se aumentar o preço fica inviável vender, porque é muito caro sair com o barco, temos muito gasto para equipar ele todo, dependendo do tamanho o gasto é maior.*



Ao lado caixa, ela organiza quem permanece ao seu lado no processo do leilão. O escolhedor e contador, auxiliam o despachante na comercialização. O sucesso da negociação, depende também de sua experiência com a venda, mas também da demanda de quem encomenda o pescado.

A entrevistada **D**, explica a tramitação do comércio da pesca atacadista, ocorrida no Terminal em que a comerciante, vivência desde criança indo até a fase adulta. Observamos também, que a atividade, assim como na feira é algo que ultrapassa gerações.

*Eles ligam antes e eu faço a encomenda, minhas vendas são feitas assim, eu já organizo tudo antes, mesmo quando não faço isso com os donos de barco eu já faço isso aqui em terra, porque eu conheço muita gente. Tudo que eu vendo, já faço a negociação, eu aprendi com meu pai, eu ganho minha renda assim, dessa forma. As pessoas ficam abismadas em ver uma mulher nesse ramo do pescado, mas eu já estou acostumada com essa prática, é o que eu sei fazer. Tem outras mulheres nesse ramo, tem uma aqui que trabalha como contadora, é porque hoje não vieram.*

O pescado é algo para manter os indivíduos em sociedade, porque todos sentem necessidades biológicas de saciar a fome, isto é, sua natureza, mas a maneira pela qual o peixe é comercializado, se aprendeu por meio da cultura. Por exemplo, antes na região amazônica não existia a venda do peixe, contudo com a chegada dos europeus, alguns costumes foram adaptados, como os Pesqueiros reais. Os reservatórios serviam para guardar o pescado para a realeza, marco e origem da pesca comercial. Então, nos arriscamos a dizer que essa visão de mundo foi absorvida pelos primeiros habitantes que existem até hoje.

Os agrupamentos sociais pequenos, como o Terminal, demonstram o universo cultural e fisiológicos. Mas, se o pescador não capturar o peixe, o despachante não vai ter o que vender. Então, cada um se articula tendo um determinado papel em que ao nascer, participa da “rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação às outras, a ela e nada mais, que chamamos sociedade” (Elias, 1994, p. 23).

É nas relações sociais, homens e mulheres, desenvolvem suas práticas de trabalho. O escolhedor, vendedor, pescador, donos de embarcações, incorporaram os hábitos da pesca. O conhecimento ou saber social e o que chamamos de segunda natureza porque a primeira é apenas o saciar da fome. Nessa estrutura, na ótica de (Matos, 2015), o lugar onde há relação humana há complexidades que precisam ser analisadas de maneira específica, o que significa que cada lugar é diferente.

O pescado, antes de serem repassados aos consumidores, são pesados e anotados por cada trabalhador. Uma pessoa fica responsável em administrar a pesagem, a outra escolher e a outra vender. Nesse momento ficam atentos para não perderem o valor, haja vista que o ganho depende de cada grama e quilo, pesados nas balanças específicas, conforme a seguir.

Figura 15- Balança para pesagem do pescado



Pesquisa de campo,2023

Antes de fechar a venda é preciso pesar, tudo que sai da caixa de alumínio é contado e pesado. A pesagem do tambaqui é realizada sem ser posto no saco de fibra, os peixes menores como o jaraqui, pacu, sardinha são inseridos nos sacos brancos de fibra antes de passar pela balança. Estes equipamentos ficam nas proximidades das bandejas de alumínio onde são colocadas as espécies para negociar. Geralmente um carregador com o carro de ferro ou de madeira, aguarda os arrematados para levar até os carros particulares e/ou de frete.

Assim, os que passam por esse processo são anotados pelo contador. O despachante tem o contador como uma espécie de vigilante, e sendo assim ele não tem prejuízo, porque tudo que sai e entra é controlado via anotações. vejamos a figura a seguir:

Figura 15- Contador do Terminal Pesqueiro/Balsa de ferro



Fonte: Pesquisa de campo,2023.

O Contador participa da venda do pescado da balsa de ferro, sendo responsável por anotar o quantitativo comercializado. Ele trabalha para o despachante e possui um caderno que toma nota do peso, da quantidade, do tipo de peixe. O caderno, serve somente para esse objetivo, então a pessoa fica atenta, observando a venda.

Quando o pescado é pesado se encarrega de anotar a pesagem, grita, em voz alta, o valor vendido. Essa função não é igual o contador que cursou contabilidade, ele exerce apenas uma identidade, reconhecida no processo de comercialização da balsa de ferro.

Observou-se no decorrer da pesquisa que as espécies pequenas, como pacu e jaraqui, colocados no saco de fibra, contados, pesados e carregados por carregadores para os carros que irão distribuir o pescado na cidade de Manaus, Porto Velho. A prática de comercialização, permeadas nas relações sociais, exemplo prático de controle das pessoas umas sobre as outras, fato presente na figuração que orientam os humanos, observadas nesse campo social (Matos,2015).

Abaixo, temos as caixas de madeiras, sempre enumeradas, haja vista que cada uma delas pertence a um dono em específico

Figura 16- Caixa de madeira onde acontece o carregamento do peixe



Fonte: pesquisa de campo, 2023

As caixas de madeiras são utensílios numerados para carregar o pescado após a pesagem. Este material, é essencial para os carregadores, porque é com essas caixas que eles levam até os carros que estacionam em todas as áreas do terminal em busca de uma renda extra. O participante **M**, explica nos mínimos detalhes a prática da negociação pesqueira.

*A gente fica aqui de olho, assim que barco chega a gente já procura carregar lá para cima nos carros de frete, aqui cada uma já fica só na espera para carregar o pescado, esse é o nosso trabalho, enquanto tiver o que carregar, estaremos por aqui, é cansativo, trabalho que requer força, não é para qualquer pessoa fazer.*

Este tipo de carregamento é diferente daquele que sai do barco de pesca. O que sai do barco são desembarcados pelos tripulantes em caixas de plásticos. Nesse âmbito, existem dois tipos de carregadores: o que carrega do barco para os recipientes de alumínio onde será exposto para leilão; e o carregador que leva o pescado para os carros que estacionam fora da balsa de ferro. A segunda função é mais autônoma, os carregadores trabalham para si e não possuem vínculos com os despachantes ou donos de barcos, estão ali buscando uma renda extra e tudo depende do comportamento da clientela.

Essa prática possui suas complexidades, uma vez que exige do indivíduo, o uso da força para realizar o carregamento. Nossa estrutura social é assim, fragilizada, por isso, de acordo com Matos (2015, p. 12), “entender os atores do universo empírico em

suas ações, comportamentos, atitudes sem que se atribua conceitos de mal ou bom”. No universo de trabalho informal, com objetivo a renda é necessário, inúmeras “insuportáveis”, subidas e descidas, situação vivenciada no cotidiano empírico.

Porém, segundo Vedana (2013, p.48), essa dimensão do prazer do trabalho, associada às “brincadeiras e às jocosidades se configuram as relações entre feirante e freguês, não exclui um conjunto de esforços físicos e subjetivos que ocorrem antes, durante e depois das situações de interação com o freguês”. Esforços estes observados no decorrer da pesquisa, onde muitos indivíduos chegam a carregar o dobro de seu peso.

Outra figura participante da figuração do Terminal pesqueiro/Balsa de ferro é o escolhedor, a seguir, a imagem mostra como ele realiza sua função juntamente com os outros indivíduos. Na rede de venda tudo está organizado de forma a atender os barcos que atracam na Balsa. Cada um sabe exatamente sua funcionalidade, todos possuem os instrumentos adequados para que tudo ocorra para atender os compradores.

Figura 17- Escolhedor



Fonte: Pesquisa de campo,2023

O escolhedor é alguém que fica responsável pela contagem do pescado que está sendo comercializado pelo despachante. Esse papel é um dos mais importantes, já que ele não permite que o despachante se perca na contagem. Ao contar, grita a quantidade posta no saco de fibra. Ao finalizar a contagem, maneja outro saco e a contagem recomeça.

Atua para o despachante, sem vínculos empregatícios, possui a missão de auxiliar o negociante, na prática da venda. Seu pagamento depende da remessa, assim como dos outros trabalhadores da comercialização do Terminal. A seguir, observamos um senhor amontoando os sacos abastecidos no carro de ferro. O carregador atua na informalidade, tem relação direta com o escolhedor e contador, porque o peixe é levado, somente, após liberação do contador e escolhedor.

Figura 18– Carregador transportando o pescado para o carro frete



Fonte: Pesquisa de campo ,2023

Quanto maior a safra, maior é o “ganho” isso é o que imaginamos. Entretanto, o carregador do carrinho de ferro, passa despercebido. Quase invisível, já que precisa colocar os sacos de fibras e empurrar até o local de destino, numa montanha de fibras sabem para onde devem levar. Acertam tudo antes do transporte, em alguns casos não usam as caixas numeradas e os quilos empurrados, dobram ao subir a parte abrupta do Terminal.

Para Gandra (2012, p.9), no mercado atacadista trabalham carregadores, pescadores, despachantes e proprietários de barcos que ocorre na Balsa de Desembarque do Terminal nos períodos da produção de peixe na região. Esse processo, acontece na safra “SAFRA (junho até novembro) média de 200 a 220 toneladas/dia; - DEFESO (novembro até março) média de 20 a 25 toneladas/dia; - ENTRESSAFRA (março até junho) média de 35 a 40 toneladas/dia”.



Ainda não era período de safra na fase da coleta dos dados, no entanto, observamos uma certa agitação e para o carregador isso é vantajoso, já que ganha pelo número de viagens. Sua atuação é informal e sempre negocia com os proprietários dos veículos sobre o custo de cada carregamento.

Figura 19-Carregador transportando os peixes dentro de sacos plásticos



Fonte: Pesquisa de campo,2023

Para Elias (2011, p. 70-71), às práticas que acontecem entre os atores sociais, “funcionam de maneira que cada uma delas fortalece a rede não é nada além da reunião de diferentes fios; e, ao mesmo tempo, cada fio forma, no interior de toda, uma unidade em si; ele ocupa ali um lugar particular e toma uma forma específica”.

A figuração estudada, subsidia um conhecimento sobre o embarque e desembarque no Terminal Pesqueiro, possibilitando, observar como são estabelecidas as relações entre os vendedores (despachantes e proprietários de embarcações) e compradores (frigoríficos, feiras, restaurantes), carregadores, escolhedores e contadores e os tipos de peixes comercializados e como são vendidos.

Portanto, A figuração se revela complexa em que a realidade da comercialização pesca é exaustiva e que apesar da safra ser alto, o valor pago aos pescadores, carregadores, escolhedores não os extraem de situações desiguais

## CAPÍTULO III

### BALSA FLUTUANTE DE MADEIRA NO CURSO DA RIBANCEIRA, ESTENDO MINHAS TEIAS

*Cada pessoa singular está realmente presa; está por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e a nada mais, que chamamos “sociedade.*

*Norbert Elias*

#### 3.1 Considerações sobre o local

A segunda conexão com o lócus da pesquisa, é a Balsa, Amazonino Mendes, de madeira, localizada no porto da Panair, as margens do rio negro, bem ao lado do Terminal Pesqueiro. O local é de responsabilidade da Associação dos Feirantes da Panair. Espaço das idas e vindas entre os moradores da cidade e campo.

Figura 20– Balsa Flutuante de Madeira/Local da AFP



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

O recinto funciona partir das 15 às 22h e 04 horas da madrugada, dependendo do movimento. A rede de comércio gira em torno dos produtos oriundos de Porto



Velho, Careiro, Castanho, Terra Nova, transportados nos barcos a recreios. A relação da feira com a Associação é muito importante, uma vez que seus membros são os feirantes da Panair.

O acesso ao flutuante pode ser complicado devido a uma estreita ponte de madeira que remonta à época em que o terminal de passageiros da empresa Panair do Brasil estava em operação. Durante a enchente do rio, parte da ponte pode ficar submersa, o que torna inevitável molhar os pés ao atravessar até a balsa.

Para contornar esse problema, algumas pessoas optam por utilizar canoas ancoradas ao redor para retirar os produtos. A relação da feira com a Associação é crucial, já que seus membros são os feirantes da Panair. Isso sugere uma forte ligação entre a organização da feira e os comerciantes locais que dependem dela para seus negócios.

A Conexão de indivíduos, cargas, frutas, verduras e pescado entre Manaus, municípios, comunidades próximas e alguns estados do norte, acontece, geralmente, pela manhã, tarde e noite, visto por que são os horários de funcionamento do flutuante. A relação do lugar com os indivíduos, representa ações e possibilidades, já que é na “materialidade do cotidiano que existe a possibilidade concreta de apreensão do espaço pelas pessoas” (Oliveira,2007, p.136).

Pela manhã observou-se um movimento mais voltado ao descarregamento de verduras e frutas e passageiros mediante rabetas, “voadeiras” e pequenos barcos. Na parte da tarde há estagnação, pois a venda dos produtos é insignificante e pouco desembarque de passageiros. A movimentação acontece de madrugada quando os barcos a recreio trazem o pescado em pequena quantidade para o local.

As redes sociais da negociação da pesca, acontecem de maneira tão complexa, principalmente na “comercialização, e ainda tão interligadas a modos de sociabilidade que marcam todo e qualquer grupo social como: familiaridade, religiosidade, relações de vizinhança, instituições e organizações sociais” (Magalhães,2010, p.98).

### **3.2 Comercialização**

Diferente do Terminal Pesqueiro (Balsa de ferro), a Balsa de madeira (Flutuante), liga-se de forma rotineira com as, cargas, passageiros, frutas, verduras e pescado. A conexão do porto com feira é importante para as idas e vindas dos

indivíduos que levam ou trazem produtos, seja para cidade ou para as comunidades e municípios do estado.

De acordo com Rocha (2010, p.16), a Balsa Estação Flutuante, Amazonino Mendes da Associação dos feirantes da Panair tem como atividade o embarque e desembarque de,

hortifrutigranjeiros, peixes, bagagens de todos os tipos, pessoas (oriundas dos municípios do interior), fretes e passeios turísticos, venda de artesanato e o atracamento de barcos denominados “recreio”, com destino a Manacapuru, Careiro, Novo Airão, entre outros municípios.

No Flutuante ou balsa de madeira os barcos a recreios são os que mais atracam ali. No decorrer da pesquisa, pela manhã, notaram-se muitos indivíduos carregando frutas, peixes e bagagens, que no decorrer do dia chegam nos barcos recreios ou em pequenas embarcações, conhecidas como voadeiras, rabetas e lanchas.

Os agentes que participam dessa rede geralmente são os pescadores ribeirinhos, pescadores autônomos, donos de embarcação (Parente e Batista,2005). Nessa conexão, não presenciamos a atuação do despachante, algo que é comum na Balsa no Terminal Pesqueiro. As vendas são feitas pelos donos dos estandes ou boxes que funcionam no flutuante, onde os próprios donos vendem e negociam o pescado, estabelecendo redes entre o rio e a cidade.

Silva e Noda (2016, p.379), explicam que as águas e as terras, possuem uma dinâmica própria, pois se constroem as paisagens e são elos que constituem a formação da Amazônia. Por esse motivo, “águas, terras, vegetações e seres humanos em conexão contribuem para a formação das paisagens amazônicas”.

### **3.3 Feirantes**

A investigação, ocorreu por meio de formulário, diálogo e observação com os feirantes, membros da Associação. O instrumento serviu de guia para nortear a coleta, mas a conversa, possibilitou a aproximação, satisfatória para se conhecer o objeto estudado, pois o que fora vivenciado nos permitiu, momentos únicos mais de incertezas do que certezas.

Os participantes, formam o que Elias (1980, p.8-11), caracteriza como teias de interdependências ou figurações de muitos tipos, tais como “famílias, escolas, cidades, extratos sociais”, e cada um compõe um “ego” ou outro feirante, porque neles

inserirmos a nós mesmos. Ao estudamos a rede e refletirmos na sociedade, estamos analisando a nós mesmos como pesquisadores.

Para melhor compreender esse desafio, orientamo-nos no quadro a seguir:

Quadro 5: Participantes da pesquisa

Local: Balsa Flutuante da Associação dos Feirantes da Panair							
Entrevistado	Sexo	Idade	Estado civil	Naturalidade	Setor	Bairro	Tempo de atuação
A	F	39	Solteira	Careiro da Várzea/Am	Financeiro	Mauazinho	10 anos
B	M	49	Casado	Manaus	Feirante/P residente	Não informado	Mais de 10 anos
C	M	45	Casado	Manaus	Feirante	Não informado	27 anos

Fonte: Pesquisa de campo, 2023

Para Elias (1980, p.16-17), uma determinada configuração, pode ser representada, por outras figurações, bem como “famílias, escolas, indústria ou estado”. Aqui estamos apresentando a família, o trabalho, extratos sociais presentes na configuração, isto é, Associação (grupos de indivíduos), apontados a partir de forças sociais, praticadas pelos indivíduos, sobre outros indivíduos e sobre eles mesmos.

Esta concepção subsidia a abordagem aqui proporcionada na forma de falar, pensar, trabalhar. Aos poucos a conversa fluiu, e o feirante **B**, casado, 49 anos, natural de Manaus, explicou sua função no grupo.

*Sou presidente e feirante da Associação dos Feirantes faz 4 anos e meio. Também comercializo pescado há mais de 10 anos especificamente o surubim. Sempre compra por encomenda. não trabalho com outros peixes como o pirarucu, dá muito trabalho, entra no defeso e dá é prejuízo, eu aprendi com meu pai desde criança.... olha é bem melhor o surubim, tenho clientes que já encomendam e vem buscar. O tambaqui vem de Porto Velho, vem de viveiro direto para Manaus (B).*

O entrevistado explica: “a armazenagem fica em freezers, geladeiras, recipientes plásticos para não estragar e garantir que não estrague e não prejudique a venda e a saúde de ninguém”. Possuindo duas funções, seu pequeno escritório é organizado ali mesmo junto a anotações dos custos e ganhos do pescado.

Para Lozano et al., (2014), há uma mudança de comportamento por parte do consumidor na busca por segurança e garantia do consumo de alimentos de qualidade, por isso, os grupos precisam envolver fatores internos e externos para não comprometer a segurança dos produtos e dos consumidores.

Esse cuidado, podemos perceber na armazenagem e salmoura. Mas é obvio que existem outras situações sanitárias que precisam ser levadas em consideração, bem como os banheiros dos flutuantes, lixos, porque não há atenção do “eu” “nós”. Para Elias (1980, p. 82):

[...] é perfeitamente possível estruturar as relações sociais entre os indivíduos, mesmo que estas se desenrolem sem regras. Mesmo uma situação que aparece às pessoas nela envolvidas como o cúmulo da desordem faz parte de uma ordem social. Não há qualquer razão para que as ‘desordens’ históricas -guerras, revoluções, rebeliões, massacres e toda a espécie de lutas pelo poder — não possam ser explicadas. Fazê-lo, é, na verdade, uma das tarefas da sociologia.

Ao estabelecer reflexões por meio das “relações sociais”, que reconstruímos num cenário de desafios como o do flutuante, nota-se que o ambiente vai adquirindo novas explicações nas falas dos indivíduos que construídos por eles e por outros, juntam-se e formam muitos outros, mesmo que com poucas, regras sanitárias que se fazem presentes na trilha das conexões que percebemos como *hábitos*.

Na descoberta, dos muitos “eu” e “nos”, como aponta Elias (1980) a palavra do entrevistado **C**, tem muito a dizer sobre a forma de armazenagem do pescado:

*A salmoura, forma muito utilizada no Amazonas para conservação do pescado. O almoço do dia foi o peixe salgado, alguns são vendidos por encomenda que vem diretamente comigo pegar, o surubim salgado”. Porém, comercializamos o peixe salmourado e “in-natura” o que fazemos bastante nesse local.*

Observamos que a alimentação é preparada ali mesmo por alguns membros do galpão. Os estabelecimentos simulam uma residência com fogão, geladeira e, ao lado esquerdo, o “jirau” utilizado para limpeza do pescado. O que podemos perceber nas falas dos entrevistados. Ele grita para seu parceiro: “*ei colega, o almoço vai ser esse peixe salgado, aí já pode preparar*”.

Os consumidores são de vários bairros vizinhos da cidade. O movimento maior é no sábado. O movimento estagna nos feriados e domingos. Os produtos são adquiridos nas embarcações: canoa, barcos a recreio e de pesca que atracam no Terminal pesqueiro.

### 3.4. Origem dos produtos

Sobre a origem dos produtos comercializados na balsa Amazonino Mendes, algumas perguntas foram realizadas aos feirantes para nortear o rumo da pesquisa. A partir dos diálogos e observações aos poucos a realidade foi sendo revelada.

Alguns questionamentos seguiram a seguinte lógica: De onde vem os produtos? Como fazem para trabalhar na época do Seguro Defeso? Os feirantes da Panair adquirem os produtos do flutuante? Recebem Seguro Defeso? Quais os peixes vendidos no flutuante? Onde são comprados os peixes vendidos no flutuante? Qual o horário de funcionamento?

O participante **B**, afirmou de onde são originados os peixes e outros produtos.

*Os peixes e hortifrúti vem do Careiro, terra Nova. Porto Velho, Rio Branco, Pará. Panair compra pouco peixe aqui. Aqui nós trabalhamos com peixe liso, meu pai foi o que me ensinou. O meu filho já quer ficar no meu lugar aqui. Os consumidores comuns compram aqui, é pouco, mas lá na feira é mais comum, mas, por exemplo, eles querem comprar dourado, aí eles vêm aqui. Olha a gente evita trabalhar com o peixe que entra no defeso... eu prefiro evitar. Nós trabalhamos e não recebemos seguro-defeso. Apesar de a gente depender do Seguro defeso, a gente não recebe. Nós compramos o peixe dos barcos que encostam aqui, eles não têm contrato conosco, mas a gente já conversa com eles. Os donos de barcos vêm sete, oito horas e de madrugada. Quatro horas da manhã consegue pegar dono de barco. Eles não ficam aqui, descarregam a mercadoria e vão embora. Eles vêm aqui porque eu compro dourado e o tambaqui ele leva para lá.*

Os donos de embarcações param no flutuante apenas para entregar o pescado sob encomenda. Os outros produtos são trazidos juntamente com os passageiros em barcos a recreios. O destino do pescado, depende de como o processo da negociação acontece, pois isso é articulado de uma forma, organizada pelos agentes sociais que participam dessa cadeia. A tarde percebemos que o movimento é pequeno. Mas ao indagar o participante **J** sobre o horário de maior movimentação ele afirma: “*é melhor pela manhã, fica aberto o dia todo, alguns vendem aí frutas, polpas, pão, bebidas*”.

Observou-se que existem comerciantes, com distribuidoras, eles geralmente vendem para aqueles que encostam no porto e não saem das embarcações para comprar, então é uma forma estratégica de comercializar. Segundo o participante **B**, “*Alguns têm aí suas vendas, vendem guaraná, e alimentação. Mas eu trabalho com peixe liso, especialmente o dourado, meu pai me ensinou a trabalhar com ele, ele ficou muito conhecido aqui por isso, ele me ensinou isso.*” Nota-se, também a prática da venda do pescado sendo hereditário, geralmente, herda-se dos pais o tipo de

profissão. Quando perguntamos: Como começou a trabalhar neste local? *“Ele diz: eu também trabalho na Feira e por isso é algo em conjunto, isso faz com que eu conheça do processo do pescado, sempre trabalhei nos dois locais, mas agora fico mais aqui.*

O participante **C**, responsável administrativamente pela Associação, atua no local há 27 anos, nasceu em Manaus, começou a trabalhar com seu pai desde criança, atua como autônomo.

*Eu compro e vendo peixe em atacado e varejo”. Perguntamos sobre o tempo de atuação. A gente não tem horário para entrar e nem horário para sair. No meu trabalho eu vendo somente peixe mesmo. Nós compramos peixes do Careiro, Castanho, Manaquiri, Terra Nova.*

Apesar de o local ser para vendas no atacado, verifica-se que em alguns casos, como, por exemplo, se um cliente encomendar uma espécie de peixe, ele pode vir buscar a remessa em pequena quantidade que se caracteriza como varejo. Eles afirmam que a Balsa funciona em horários incertos, pois depende de como se comporta o movimento dos indivíduos.

Segundo Rocha e Scherer (2011, p.3), a balsa de madeira é denominada de:

Estação Flutuante Amazonino Mendes pertencente a Associação de Feirantes da Panair, onde embarcam e desembarcam dos produtos hortifrutigranjeiros, bagagens de todos os tipos e tamanhos, pequenas tendas onde se vende artesanato regional e os barcos denominados de recreio, barcos de fretes que promovem os passeios turísticos, destinos as cidades do entorno da capital - Manaus. Nessas balsas movimento de circulação de bagagens e mercadorias é constante, assim como de circulação de pessoas é intenso.

Para tanto, a dinâmica do porto da Panair é importante para compreender a comercialização do pescado, pois se trata da existência da condição humana que se faz presente nessas figurações que orientam as ações dos indivíduos que fazem parte das atividades que eles desenvolvem.

O conceito de “figuração” de Elias (1990), difere-se de muitos outros conceitos teóricos da sociologia por incluir expressamente os seres humanos em sua formação, conceituada pelo autor,

Contrasta, portanto, decididamente com um tipo amplamente dominante de formação de conceitos que se desenvolve sobretudo na investigação de objetos sem vida, portanto no campo da física e da filosofia para ela orientada. Há figurações de estrelas, assim como de plantas e de animais. Mas apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros. O modo de sua vida conjunta em grupos grandes e pequenos é, de certa maneira, singular e

sempre co-determinado pela transmissão de conhecimento de uma geração a outra, portanto por meio do ingresso do singular no mundo simbólico específico de uma figuração já existente de seres humanos (p.5)

O Flutuante Amazonino Mendes, é uma figuração onde é possível compreendermos a concepção da natureza peculiar, acerca das relações de interdependência entre as pessoas, de modo dinâmico e processual das relações, do andamento ininterrupto de conviver socialmente. Verificar, que sua explicação, procura por uma nova defesa da sociologia, e, por conseguinte, uma nova abertura para enfrentar os conflitos sociais.

É possível dar relevo à grande contribuição da entrevistada **A** de 39 anos, moradora do bairro do Mauazinho, do careiro da Várzea, declara que nessa figuração: *A balsa tem horário para funcionar e leva em conta o movimento de pessoas, já aqui vivemos da venda dos produtos, precisamos sobreviver, então nos aventuramos no trabalho informal que muitos estão (A).* Não questionamos sobre a situação salarial, por ser Terceiro Setor, contudo não indagamos se recebem algum tipo de pagamento, o que acontece de forma díspar da Panair.

Desse modo, constatou-se que, os agentes sociais fazem parte da informalidade e empreendedorismo. O objetivo de alimentar-se de oportunidades repletas de dificuldades que para eles acompanham conflitos, dificuldades pessoais, sociais, econômicas, podendo representar, um conjunto de tarefas de motivação pessoal de abrangência diversa (Climadom,2008).

Nas relações entre os espaços considerados pela pesquisa, uma questão que faz parte do universo dos pescadores é a aplicabilidade da normativa, versada como Defeso, tal regulamento é permeado de conflitos e contradições, intrínsecas na área da negociação do pescado do Terminal, Feira e Flutuante.

## **5 Seguro Defeso**

O Defeso é uma forma de vetar os pescadores na captura de alguns tipos de peixe, assim como a negociação, então, os profissionais recebem uma quantia para lhes assegurar a renda. O Seguro Defeso é norma que objetiva de proteger os animais aquáticos inibindo a extinção. O Seguro Defeso é uma verba, direcionada aos pescadores que sobrevivem dessa profissão quando há proibição. O pagamento é somente para os que comprovarem que são pescadores profissionais.

Nesse sentido, o Seguro Defeso é originado de um “capital reduzido”, com escala menor de produção, utilizando técnica adaptada e defasada e, também, apoiado por um tipo de ação remunerada, quase sempre doméstica.

Nas afirmações de Campos e Chaves (2014), o Programa Seguro Defeso (SD), é uma

[...] Extensão do Programa Seguro-Desemprego dedicada a um trabalhador específico: o pescador com perfil artesanal. E, além de estar voltado a este pescador, o SD também se encontra focado na preservação de várias espécies do ecossistema brasileiro (Campo e Chaves, 2014, p.9)

A situação experimentada pelo pescador artesanal, durante o período de defeso, é equiparada à de desemprego involuntário – em que, por motivos alheios à sua vontade, se encontra impossibilitado de subsistir por meio da pesca. O entrevistado **B** diz: *“eu não quero trabalhar com o peixe proibido, por isso nem pego, tenho é medo e prefiro vender menos, mas não correr riscos, é complicado porque a gente precisa trabalhar, muitos de nós não recebemos seguro não!”*.

Nos três campos (Feira, Terminal e Flutuante), percebemos que os pescadores não se sentiram à vontade em comentar sobre o Defeso, porque para eles essa é uma questão delicada que envolve descontentamento que conforme o feirante **C**: *“Nem todos recebem esse Defeso”. Isso serve para nos atrapalhar. Mas respeitamos”*. Para Matos (2015), “a pesca extensiva com o uso da malhadeira e do arrastão não trouxe melhoria nas condições de vida para as populações locais, e sim a destruição da natureza”.

A análise, destaca que com a pesca extensiva não há preocupação com preservação porque os tipos de instrumentos utilizados são para uma produção em grande escala, isso não mudou em nada para os pescadores. Apesar de trabalharem densamente, atuam para os donos de barcos e poucos são os que pescam para vender e não tem como competir com grandes barcos “armados”.

O que pode ocorrer é que o pescado capturado pelos pescadores que não trabalham para os proprietários de barcos de pescas? O participante A diz: Eles são vendidos para os despachantes e levados pelos barcos de linhas ou comprado pelos donos desses barcos para revender nos mercados de Manaus”. Então, conforme já observado no texto, temos duas relações de trabalho na pesca amazônica: o pescador individual que trabalha para outra pessoa e o que trabalha para si. Ambos podem ser reconhecidos para receber o Seguro, desde que comprovem que são pescadores.



Com todos os desafios e resistências entre os pescadores, no processo profissional do pescador a Lei que regulamenta o profissional da pesca é a Lei nº 10.779/2003<sup>14</sup> ela tem cobertura ou seguro-desemprego da pesca artesanal e está diretamente ligada ao seguro defeso, porque se eles estiverem regulamentados podem se inscrever para receber o seguro. Contudo, nem todos estão recebendo conforme contatado no decorrer da pesquisa.

A norma em tese tem objetivo de proteger algumas espécies e em consequência, recebem um valor de um salário-mínimo mensal, sendo um avanço imprescindível aos trabalhadores da pesca. Portanto, para que estejam cobertos se faz necessário ser inscrito no Registro Geral da Atividade pesqueira (RGP). Esse documento é concedido pelo Ministério da Pesca e Aquicultura, e, para ter acesso, alguns critérios e documentações devem ser estabelecidos e comprovados de acordo com o ofício exercido.

A Lei 11.959 de 29 de janeiro de 2009<sup>15</sup>, regula as atividades pesqueiras em substituição ao Código de Pesca de 1967, que vem tratar, desenvolvimento sustentável, advertindo sobre a captura dos peixes no sentido de preservação por meio de vetos e, consequência disso, aos inscritos será concedido o seguro defeso, durante a fase em que a pesca estiver interdita.

De acordo com Brasil, (2023)<sup>16</sup>, para que a pessoa receba o Seguro Defeso, a pessoa, necessita:

Exercer a atividade pesqueira de forma ininterrupta (individualmente ou em regime de economia familiar); esteja inscrita no Registro Geral de Pesca (RGP) há pelo menos 1 ano; comprove o recolhimento da contribuição previdenciária referente à comercialização da sua produção, nos 12 meses imediatamente anteriores ao pedido do benefício ou desde o último período de defeso até o início do período atual, o que for menor; não esteja recebendo BPC ou qualquer benefício previdenciário, exceto auxílio acidente e pensão por morte limitado a um salário mínimo; não tenha outra fonte de renda, diferente da pesca; peça o benefício dentro do prazo (entre 30 dias antes da data de início do defeso até o último dia do período de defeso).

Os participantes sabem a finalidade e funcionamento do Defeso, porque vivenciam a experiência no comércio da pesca. Entretanto, enfatizam somente a relação perda e danos para os que sobrevivem da renda pesqueira e sentem-se prejudicados por conta da proibição.

---

<sup>14</sup> Brasil. Lei 10.779/2003: 10.779 de 2003. Institui o seguro-desemprego aos pescadores artesanais.

<sup>15</sup> Esta Lei dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.gov.br>.

A preservação em nenhum momento foi citada. O entrevistado **C**, afirma: “*Olha, isso não é bom para nós porque a renda cai muito e não é bom para quem vive do pescado*”. Não cabe aqui fazer juízo de valor, contudo, compreender como a Associação se organiza em relação à logística de embarque e desembarque do pescado.

A conexão com atravessadores e bem menor que do Terminal, mas também compram de barcos a recreio e pesca. Geralmente, eles adquirem por encomenda, porque tem clientela certa para a compra. Na fase da pesquisa não foram observadas exposição de pescado no flutuante. Algumas embarcações pequenas encostam ao lado da Balsa de madeira e ali mesmo comercializam o pescado em pequena quantidade. Os produtos mais comuns são as frutas, verduras, farinhas, polpas na parte interna. A relação com o Terminal é de aquisição das espécies, já que os feirantes da AFP, mesmo que em pequenas quantidades, revendem para as feiras e nas feiras e para proprietários de pequenos restaurantes.

O local parece ser um ambiente bastante peculiar e interessante, com uma dinâmica dependente das condições do rio e do movimento de pessoas. A ponte de madeira, com sua história ligada à antiga empresa Panair do Brasil, adiciona um toque de nostalgia ao acesso ao flutuante. A utilização de canoas para contornar as dificuldades de acesso durante a enchente demonstra a adaptabilidade e a engenhosidade das pessoas que frequentam o local. É uma solução prática para um problema sazonal.

A forte relação entre a feira e a Associação destaca a importância da cooperação e do apoio mútuo entre os feirantes e a organização. Parece haver uma comunidade interdependente que contribui para o funcionamento e o sucesso desse espaço flutuante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação teve por objetivo central, analisar a figuração na negociação do pescado na Feira da *Panair* na cidade de Manaus. Esse é o local basilar da investigação que se localiza no bairro de Educandos, em frente da orla do Rio Negro. Resolvemos, então, eleger os Portos de desembarques, Terminal Pesqueiro e Flutuante de Madeira, porque são importantes ligações representativas para práticas socioculturais, econômica e sociais e porta de entrada para o alimento mais consumido pela população manauense, o peixe.

Na *Panair* são comercializados o pescado, produtos da região, bem como verduras, frutas, farinha, goma, polpa de fruta. Os feirantes compram nos portos (Terminal e Balsa Amazonino Mendes da Associação dos Feirantes), ambos são responsáveis pelo abastecimento da *Panair* e demais feiras da cidade de Manaus.

Diante das reflexões nos movemos ao objeto estudado de uma maneira a entender a dinâmica funcional das pessoas ou “adultos” “independentes” na Feira, no Terminal e na Balsa flutuante, permeados nas relações sociais e de poder ou no controle sobre umas às outras, orientados por sujeitos que atuam na informalidade, isto é, os pequenos empreendedores, feirantes, pescadores, despachantes, carregadores, escolhedores, contadores e população que compra e distribui o pescado nos variados espaços na cidade de ou fora da cidade.

Entender como ocorre o funcionamento e comercialização do pescado desenvolvido pelos grupos humanos no local da pesquisa, conhecer sobre o embarque e desembarque no Terminal de Cargas Geral e Pesqueiro da cidade de Manaus-TCGPM, compreender como a Associação dos Feirantes da *Panair*-AFP se organiza em relação à logística de embarque, desembarque do pescado foram desafios para a pesquisadora.

No trabalho de campo, observamos também as relações de poder se manifestando, na realidade empírica, implícitas e explícitas no controle de uns sobre os outros, representados pela figura dos 17 entrevistados, feirantes, despachantes, pescadores, proprietários de embarcação, amostragens que interagiram com a pesquisadora nas visitas, nas conversas, nos registros fotográficos, nas anotações.

A pesquisa de campo, permitiu perceber todo esse processo, a história dos indivíduos, suas práticas, seus hábitos, suas funções, e que a *Panair* não é a grande responsável pela comercialização do peixe e, sim, o Terminal Pesqueiro, que mesmo

privatizado exerce função principal no desembarque na cidade, concordando com alguns estudos realizado no porto antes de ser leiloado.

A Associação dos Feirantes não representa o ápice no desembarque de pescado. Seu comércio é variado de pescado, verduras, frutas e pessoas que transitam entre o “rural” e a “urbe”.

Com a pesquisa confirmou um certo descaso do Poder Público com o setor da pesca, uma vez que o TCGPM, o maior da calha do Solimões/Balsa de ferro, foi privatizado no ano de 2022, e não foi comunicado aos principais envolvidos, isto é, quem sobrevive da renda da pesca. As pessoas transitam de uma figuração para outra, isto é, dono de banca/ou de boxe que trabalham na Panair, donos de embarcações e despachantes, transitam em lugares, Feira e Terminal, feira e Associação. O feirante, assume a função de despachante leiloando pescado no Terminal, e proprietários de embarcações são despachantes que se tornam também despachantes porque o lucro é maior.

Na Associação, os feirantes com boxe na feira, assumem dois pontos de trabalho porque manter stand e comprar do despachante para revender, custa alto. Situação conflituosa que requer dupla jornada de trabalho para aumentar a renda, já que o movimento tem oscilações, segundo eles, principalmente no período do Defeso.

Os tripulantes dos barcos de pesca passam entre 20, 30 e 60 dias na temporada de pesca e o apetrecho que mais utilizam é a malhadeira, esse é o material mais citado na entrevista. Os tripulantes variam entre 5, 8 e 12 pessoas, bem como pescador, armador, cozinheiro.

O pescado pode ser trazido em barcos de pescas como os citados acima, ou no segundo tipo: barco de linha. O segundo, compra o pescado nas comunidades e traz para o Terminal, encomendados por alguns despachantes. Situação que os proprietários de barcos pesqueiros criticam, porque o local é para descarregamentos específico do barco pesqueiro e não do recreio. O despachante encomenda algumas espécies que faltam nos barcos de pescas. Eles fazem contato com os de recreio para trazerem remessas que seus clientes mais procuram e quando chegam em Manaus eles atacam na Balsa do terminal pesqueiro, situação essa que não agrada à maioria.

Os despachantes estão descontentes com a privatização dos portos, porque precisam pagar a cuba de alumínio onde são leiloadas as espécies. Afirmam que quando o Terminal era público não tinha custo. Os pescadores, reclamaram que não foram comunicados sobre o leilão e privatização, isso os deixa insatisfeitos.

Dessa forma, a negociação começa com o desembarque do pescado, feito no Terminal Pesqueiro. Os peixes são então transportados para a Feira da Panair, onde os feirantes negociam diretamente com os produtores. Os feirantes, adotam diversas estratégias para maximizar seus lucros, tais como a escolha dos melhores peixes e seu processo de armazenamento e a venda orientada para mercados específicos.

Dado exposto, entre os principais desafios enfrentados pelos feirantes, estão a flutuação nos preços dos pescados, a concorrência no mercado e as dificuldades logísticas, principalmente em relação ao transporte de produtos que respinga nos diversos papéis exercidos, seja na feira, Terminal ou Associação. As camadas “inferiores” mesmo com as altas safras, o valor que recebem é insignificante

## REFERÊNCIAS

Almeida, Shirley Patrícia. FAZENDO A FEIRA: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG. Porto Alegre: UNIMONTES, 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social).

AMAZONAS, Cláudio. Memórias do Alto da Bela Vista: Roteiro Sentimental de Educandos. Edições Governo do Estado do Amazonas. 1996.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo de; QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. As feiras livres e suas (contra) racionalidades: periodização e tendências a partir de Natal-RN-Brasil. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciências Sociales. Universidade de Barcelona ISSN: 1138-9796. Depósito Legal: B. 21.742-98 Vol. XVIII, nº 1009, 15 de janeiro de 2013 [Série documental de Geo. Crítica. Cadernos Críticos de Geografia Humana.

BAUER, Martin; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático/ Martin W. Bauer, George Gaskell (orgs); tradução de Pedrinho A. Guarechi. -9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BATISTA, Vandick; JUNIOR, Charles. Frota pesqueira comercial na Amazônia central: composição, origem, espécies exploradas e mercado. In: Agroecossistemas, v. 11, n. 1, p. 146 – 168, 2019, ISSN online 2318-0188.

Barra, Camila Sobral; Dias, Carla de Jesus; Carvalheiro, Kátia. Pescarias no Rio Negro: Como cuidar para o peixe não acabar/ organização, Camila Sobral Barros, Carla de Jesus Dias, Kátia Carvalheiro. - São Paulo: Instituto Socioambiental, 2010. — (série pescarias no Rio Negro).

BRASIL, LEI Nº 8.078, DE 11 DE SETEMBRO DE 1990. Disponível em: <<https://www.planalto.gov.br>> Acesso em 09 de jul de 2023.

Climadon, Eduardo José. Empreendedorismo na gestão de empresas, criadas por necessidades. (Dissertação de Mestrado) do Programa de Pós-graduação de Produção. Universidade Federal de Santa Maria -RS, 2008.

Campos, André Gambier; Chaves, José Valente. Seguro Defeso: diagnóstico dos problemas, enfrentados pelo programa. In: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA 2014.

CHIZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais/Antônio Chizotti. 5 ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador – Volume 1: Uma História dos Costumes. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2v.

\_\_\_\_\_. O processo civilizador: uma história dos costumes. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. Introdução à Sociologia. Tradução Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Braga, Portugal: Editora Pax Limitada, 1980.

\_\_\_\_\_. 1897-1990 Escritos & ensaios; I :Estado, processo, opinião pública/Norbert Elias; organização e apresentação, Federico Neiburg e Leopoldo Waizbord; tradução textos em inglês, Sérgio Benevides; textos em alemão, Antônio Carlos dos Santos; textos em holandês, João Carlos Pijnappel. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

Ferreira, Maria Beatriz da Rocha. Matos, Gláucio Campos Gomes de. Práticas corporais num ambiente rural amazônico. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 3, p. 71-88, maio 2007.

FRAXE, Terezinha. et al., Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais / organizadores Therezinha de Jesus Pinto Fraxe, Henrique dos Santos Pereira, Antônio Carlos Witkoski, -Manaus: EDUA, 2007.

FLACH, Leonardo; MATOS, Luiza. Perspectivas e caminhos para o uso dos métodos de etnografia e história oral nas pesquisas sobre gestão do ensino superior. In: Revista Eletrônica de Administração (Online) ISSN: 1679-9127, v. 18, n.1, ed. 34, Jan-Jun 2019.

Gandra, André Lima. Um estudo de mercado do pescado da região metropolitana de Manaus “El Mercado de pescado de la región metropolitana de Manaos, Brasil”. Proyecto Mejoramiento del Acceso a los Mercados de Productos Pesqueros y

Acuícolas de la Amazonia,2010. Disponível em: <<https://www.infopesca.org>>. Acesso em 10 de julho de 2023.

\_\_\_\_\_ Um estudo de mercado do pescado da região metropolitana de Manaus “El Mercado de pescado de la región metropolitana de Manaos, Brasil”. Proyecto Mejoramiento del Acceso a los Mercados de Productos Pesqueros y Acuícolas de la Amazonia,2012. Disponível em: <<https://www.infopesca.org>>. Acesso em 9 de julho de 2023.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, C.; BATISTA, V. S. Avaliação do desembarque pesqueiro efetuado em Manacapuru, Amazonas, Brasil. Acta Amazônica, v. 38, n. 1, p. 135-144, 2008.

HUBERMAN, Léo. História da Riqueza do Homem. Rio de Janeiro, ZAHAR Editores,1976, p.30-31.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. São Paulo: Editora Moares, 1991.

Madeira, Angélica A cidade e suas feiras: um estudo sobre as feiras permanentes de Brasília / Angélica Madeira, Mariza Veloso. \_\_ Brasília, DF: IPHAN / 15ª Superintendência Regional.

Magalhães, Taciana Lima.Observando a *Panair*: A pesca e suas redes sociais na Amazônia. Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade do Amazonas-UFAM. Manaus,2010.

LEI Nº 123, DE 25 / 11 /2004. Disponível em: <<https://semacc.manaus.am.gov.br>>. Acesso em: 2 de jan. de 2023.

Melo, Patrícia. Mundos do Trabalho. Florianópolis v. 13 | p. 1-12 2021.Disponível em:<https://periodicos.ufsc.br>. Acesso em 12 de jan.de 2023.

Monteiro, Mário Ypiranga. O pescador: histórias, instrumentos, técnicas e folclore/Mário Ypiranga Monteiro. – Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, EDUA,2010.



NAZARETH, Tayana; BRASIL, Marília; TEIXEIRA, Pery. Manaus: crescimento populacional e migrações nos anos 90 In: REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO, Curitiba, n.121, p.201-217, jul. /dez. 2011.

OLIVEIRA, Helen de Souza. Vida cotidiana e ambiente na beira-rio de Educandos. Dissertação de mestrado – UFAM, 2007.

OLIVEIRA, J.A. Cidades Brasileiras: territorialidades, sustentabilidade, e demandas sociais/José Ademir de Oliveira, organizador. —Manaus: Editora da Universidade federal do Amazonas,2010.

Rocha Junior, Antônio. Enfoques geográficos sobre a feira livre de Guarabira/PB. [manuscrito];/Antônio Rocha Junior,2014,37 p.:il.

Samuel, Bechimol. Formação do Pensamento Social e cultural na Amazônia. Editora S.A,2013.

SANTOS, Carolina; SANTOS, Geraldo. Sustentabilidade da pesca na Amazônia. Dossiê Amazônia Brasileira II • Estud. av. 19 (54) • Ago 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/Ng4SsFTVqL6WwfHkJ4pGmwp/?lang>. Acesso em 20 de abril de 2022.

Santos, Thaise do Nascimento. A Comercialização de Pescado nas feiras Livres de Pescado de feiras de Santana/BA: concentração de elementos traços em camarões oriundos da baía de todos os santos. Feira de Santana-BA 2017.

SILVA, P.R. Disputando espaço construindo sentidos: vivencias, trabalhos e embates na área da Manaus Moderna. Manaus: EDUA,2016.

\_\_\_\_\_ Disputando espaço construindo sentidos: vivencias, trabalhos e embates na área da Manaus Moderna. Manaus: EDUA, 2011.Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br>>. Acesso em 29 de ago. de 2023.

Silva, Sandra Helena, Noda, Sandra Nascimento. Rev. Ambient. Água vol. 11 n. 2 Taubaté – Apr. / jun. 2016. Disponível - <<https://www.scielo.br>>. Acesso em 29 de ago. de 2023.

SOUTO, C.R. B- SANTOS.T.. L.P. Cultura e paisagem através da história do porto das catraias (educandos). In: Reb. Revista de estudos brasileiros Volumen 8, número 17, pp. 177-190, 2021.

SZEREMETA, Angélica. Metodologia e abordagem de campo: considerações sobre a utilização da etnografia como instrumento de pesquisa a partir da contribuição teórica de Mainardes e Magnani In: Revista LEVS/UNESP- Marília| Ano 2017 – Edição 19- Maio/2017 – ISSN 1983-2192.

PARENTE, Valdenei; BATISTA, Vandick. A organização do desembarque e o comércio de pescado na década de 1990 em Manaus, Amazonas. In: Acta Amazônica, Vol. 35, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 17 de jul de 2022.

WITKOSKI, Antônio Carlos, et al. Etnoconhecimento e Práticas de Pesca. In: FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. A Pesca na Amazônia Central – Ecologia, conhecimento tradicional e formas de manejo. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

TINOCO, P.B. A cadeia produtiva do pescado em Manaus. In: Embrapa. Coedição SEBRAE. Manaus, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

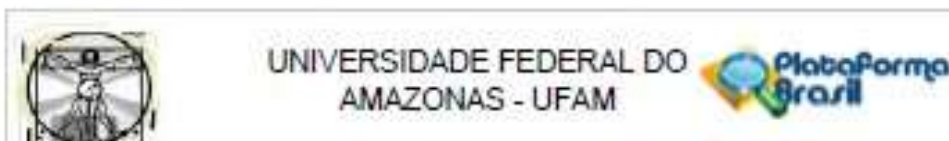
TURETA, César; ALCADIPANI, Rafael. Entre o observador e o integrante da escola de samba: os não-humanos e as transformações durante uma pesquisa de campo. Revista de Administração Contemporânea, v. 15, n. 2, 2011.

Vedana, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/>>. Acesso em: 09 de 07 de jul. de 2023.

VERÍSSIMO, José. A Pesca na Amazônia. Belém: Universidade Federal do Pará, 1985.

## **ANEXOS E APÊNDICES**

## 1-Parecer consubstanciado



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Feira da Panair e as Interdependências

**Pesquisador:** ELISANGELA MONTEIRO TEIXEIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 65239222.7.0000.5020

**Instituição Proponente:** Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.798.036

#### Apresentação do Projeto:

A "interdependência na negociação do Pescado", objetiva uma análise desse processo na feira da Panair na cidade Manaus, Am. Este relatório foi elaborado para o exame de qualificação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Na introdução, mostraremos os princípios e regras metodológicas que legitimam a metodologia, utilizada no estudo para que possamos discutir os demais dados coletados durante o processo de ida à campo. Capítulo 1, abordar-se-á sobre a feira e as interdependências em seu aspecto cultural, econômico e histórico. O Capítulo 2, intitulado Pesca trata sobre a pesca de subsistência, captura do pescado, conhecendo o ambiente quando ele se torna profissional, Processo natural, histórico, espécies capturadas, Proteção e proibição das espécies. O Capítulo 3- serão apresentadas as narrativas dos atores sociais na comercialização do

Pescado (análise e discussão dos dados) na cidade de Manaus relacionando com os dados coletados. Por fim, serão apresentadas as considerações preliminares, referencial teórico empregado na construção deste documento, assim como apêndices e anexos.

#### Objetivo da Pesquisa:

**Objetivo Primário:**

Analisar as interdependências na negociação do pescado na Feira da Panair na cidade de Manaus.

**Objetivo Secundário:**

1- Situar a feira histórica, cultural e economicamente; 2- Destacar o processo do pescado de

Endereço: Rua Teixeira, 4950

Bairro: Adriópolis

UF: AM

Telefone: (92)3305-1101

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



Contribuição do Pesquisador: 5.796,00R\$

subsistência, proteção de espécies e profissionalização da atividade; 3-Registrar a fala dos atores sociais quanto sua participação na dinâmica figuracional da feira.

**Aplicação dos Riscos e Benefícios:**

De acordo com o/a pesquisador(a) responsável:

**Riscos:**

Análise crítica dos riscos e benefícios Quanto aos riscos aos participantes da pesquisa incluem: a exposição da imagem fotográfica dos participantes que serão capturadas por meio de máquina fotográfica digital a partir de longa distância ou de modo a não identificar seus rostos; a exposição de informações pessoais obtidas através da entrevista, porém os sujeitos não terão sua identidade revelada; a possibilidade de causar constrangimento aos sujeitos ao serem abordados, entretanto, a pesquisadora, na sua primeira aproximação dos informantes, se identificará e explicará os objetivos da pesquisa de modo a criar um ambiente amistoso para a entrevista; e ainda a possibilidade de provocar de fortes emoções ao ter que lembrar experiências ou situações vividas que causam algum tipo de sofrimento, todavia, a pesquisadora interromperá a entrevista para que o sujeito se recomponha e decida continuar ou não a entrevista.

**Benefícios:**

os benefícios estarão em sua contribuição para a afirmação da negociação do pescado enquanto prática sociocultural e a rede que sustenta a cadeia produtiva e faz parte da vida do amazense. Ainda nos benefícios contribui para os estudos amazônicos relacionados a pesca, além de colocar em evidência acadêmica a temática.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

**Desenho:**

A pesquisa de campo será de abordagem quantitativa e qualitativa. A primeira "lida com números, usa modelos estatísticos para explicar os dados" e a qualitativa que "evita números, lida com interpretações das realidades sociais". (BAUER E GASKELL, 2011, P.22-23). Os dados mensuráveis contribuirão para uma análise dos resultados, já que ao serem coletados por meio do questionário semiestruturados serão analisados e transformados em gráficos e tabelas. O local da pesquisa - Limitou-se então o estudo às imediações do Porto e feira da Panair localizada no bairro de Educandos, construído no entorno do Rio Negro, mais conhecido Panair, localizada no bairro Educandos, zona sul de Manaus, onde a população, busca e vai até o local todos os dias da semana seja para vender ou comprar o pescado. Nele realizar-se-á a pesquisa de campo no que compreende à coleta de dados através da observação e de entrevistas semiestruturadas com os permissionários e não permissionários, através de formulários com perguntas abertas e fechadas.

Endereço: Rua Teixeira, 4950

Bairro: Adrienópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM Município: MANAUS

Telefone: (02)3305-1181

E-mail: ocp.ufam@gmail.com





UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 5796.030

Os sujeitos (população e amostra) -serão os indivíduos (permissionários e não permissionários) que sustentam a cadeia produtiva do pescado ou que vendem, desembarcam, capturam e abastecem o pescado na feira Municipal Panair. Serão abordados de forma aleatória até se chegar ao número de 30 sujeitos que estejam comercializando o peixe e, serão informados sobre a natureza e objetivos da pesquisa, e terão a garantia de sigilo e anonimato das informações.

Hipótese: As interdependências na negociação do pescado na feira da Panair na cidade Manaus acontecem do lago aos mercados

#### METODOLOGIA PROPOSTA:

A pesquisa de campo será de abordagem quantitativa e qualitativa. A primeira "lida com números, usa modelos estatísticos para explicar os dados" e a qualitativa que "evita números, lida com interpretações das realidades sociais". (BAUER E GADKELL, 2011, P.22-23). Os dados mensuráveis contribuirão para uma análise dos resultados, já que ao serem coletados por meio do questionário semiestruturados serão analisados e transformados em gráficos e tabelas. No cotidiano na cidade de Manaus observamos indivíduos comercializando pescado nas feiras. Em alguns locais a aglomeração acontece e, é maior em relação a outros locais de venda e, em razão disto, serão realizadas visitas em alguns pontos da cidade onde a comercialização do pescado é mais ampla e bem movimentada. Limitou-se então o estudo às imediações do Porto e feira da Panair localizada no bairro de Educandos, construído no entorno do Rio Negro, mais conhecido Panair, localizada no bairro Educandos, zona sul de Manaus, onde a população, busca e vai até o local todos os dias da semana seja para vender ou comprar o pescado. Nele realizar-se-á a pesquisa de campo no que compreende a coleta de dados através da observação e de entrevistas semiestruturadas com os permissionários e não permissionários, através de formulários com perguntas abertas e fechadas. Os sujeitos (população e amostra) serão os indivíduos (permissionários e não permissionários) que sustentam a cadeia produtiva do pescado ou que vendem, desembarcam, capturam e abastecem o pescado na feira Municipal Panair. Serão abordados de forma aleatória até se chegar ao número de 30 sujeitos que estejam comercializando o peixe e, serão informados sobre a natureza e objetivos da pesquisa, e terão a garantia de sigilo e anonimato das informações. Ao concordarem com sua participação na pesquisa e suas condições, os informantes (permissionários e não permissionários) assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que apresenta os propósitos dela.

#### Critério de inclusão:

Critérios de inclusão indivíduos com idade a partir de 18 anos desde que frequentem o local da pesquisa e estejam diretamente relacionadas a prática da comercialização do pescado, seja como

Endereço: Rua Teixeira, 4950

Bairro: Adiantópolis

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.067-070

E-mail: ocp.ufam@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Projeto: 5.796.000

pescado e figuração.

**Desfecho Secundário:**

**Coleta de dados e análise dos dados:** Partindo do pressuposto de que a entrevista tem como finalidade a aquisição de informações de interesse investigativo, além de ser uma ação interativa entre quem investiga e quem é investigado, empregamos um formulário com perguntas abertas e fechadas (APÊNDICE A) para nos direcionar no momento da entrevista semiestruturada. Instrumentos de coleta de dados e análise dos dados Partindo do pressuposto de que a entrevista tem como finalidade a aquisição de informações de interesse investigativo, além de ser uma ação interativa entre quem investiga e quem é investigado, empregamos um formulário com perguntas abertas e fechadas (APÊNDICE A) para nos direcionar no momento da entrevista semiestruturada. Neste tipo de entrevista, dependendo do que for respondido, outras questões são inseridas se houver necessidade. Assim sendo, as respostas foram anotadas no formulário no instante da entrevista, contudo, utilizou-se o gravador para transcrever o que os participantes, mediante anuência verbalizaram. A pesquisadora, ainda aderi a observação não estruturada, "tem como objetivo: observação assistemática ou não estruturada, chamada por Moraes Fonseca (2017, p.109) de "espontânea, informal, simples, ocasional e acidental pelo fato de que o conhecimento ser obtido através de uma experiência casual, sem que se tenha determinado de antemão quais os aspectos relevantes a serem observados" e qual meios devemos utilizar para observá-los e para isso, incluiremos como apoio a pesquisa etnográfica. As falas dos pesquisados, serão gravadas, transcritas e tabuladas em uma planilha no programa Excel e Windows. Os que não aceitaram que a entrevista fosse gravada, foram tabulados mesmo assim, já que a pesquisadora descrevia as informações no formulário semiestruturado. As análises serão realizadas através de categorias de acordo com os questionamentos empregados e tais interações, se transformarão em dados estatísticos que serão expostas através de tabelas e gráficos. No caso dos dados qualitativos resultantes das entrevistas e observações, faremos a análise do conteúdo.

Esses dados serão estudados à luz das literaturas escolhidas para fazer parte do estudo.

Neste tipo de entrevista, dependendo do que for respondido, outras questões são inseridas se houver necessidade. Assim sendo, as respostas foram anotadas no formulário no instante da entrevista, contudo, utilizou-se o gravador para transcrever o que os participantes, mediante anuência verbalizaram. A pesquisadora, ainda aderi a observação não estruturada, "tem como objetivo: observação assistemática ou não estruturada, chamada por Moraes Fonseca (2017, p.109) de "espontânea, informal, simples, ocasional e acidental pelo fato de que o conhecimento ser obtido através de uma

Endereço: Rua Teresina, 4050

Bairro: Adiamópolis

UF: AM

Telefone: (02)3306-1181

Município: MANAUS

CEP: 69.067-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com





Continuação do Projeto: 5.198.006

vendedores, despachantes, donos das embarcações, donos das bancas de peixe.

**Critério de Exclusão:**

Crerios de exclusão Crianças e adolescentes com idade inferior a 18 anos não poderão assinar o TCLE e não poderão participar da pesquisa; indivíduos que por livre pretensão de não aceitar a entrevista ou não responder ao formulário; e, quem não assinar o TCLE.

**Metodologia de Análise de Dados:**

O material do formulário semiestruturado e, da observação serão organizados em tabelas no formato Excel e Word para a sistematização e análise dos dados. E desse modo, os elementos, também serão transcritos, estudados, levando em conta o referencial teórico empregado, relacionando-os qualitativamente a partir da fala dos participantes da pesquisa para esclarecer se o que foi desenvolvido, responde o problema de pesquisa. Em

seguida, ocorrerá a elaboração da dissertação e a defesa dos resultados da pesquisa.

**Desfecho Primário:**

A pesquisa tem como fio condutor procedimento etnográfico. Classificações da pesquisa

a) Abordagem do problema: A pesquisa de campo será de abordagem quantitativa e quantitativa que de acordo com Bauer e Gaskell (2011, p.22-23) a quantitativa "lida com números, usa modelos estatísticos para explicar os dados" e, qualitativa que "evita números, lida com interpretações das realidades sociais". A pesquisa, ainda será através de Procedimentos Etnográficos que segundo Chizzotti (2011, p.61) se caracteriza pela "descrição ou reconstrução de mudanças culturais originais de pequenos grupos, para fazer um registro detalhado de fenômenos singulares [...]". Para a entrevista com os participantes será utilizado um tipo de formulário semiestruturado que inclui perguntas fechadas e abertas, o que segundo Freitas (s/d) permite a inclusão de novos elementos caso haja necessidade, dando liberdade ao pesquisador. Dos objetivos: Do ponto de vista dos objetivos da pesquisa, utilizamos a pesquisa exploratória que envolveu levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas de modo a proporcionar maior familiaridade com o problema pesquisado. Segundo Gil (2008) é uma forma de aproximação com o problema da pesquisa, a teoria, a entrevista e o indivíduo como é o caso da comercialização do pescado como opção de ir a campo e observar e conhecer mais de perto o que se pretende explorar. Dos procedimentos técnicos: Empregamos a pesquisa etnográfica, enquanto modalidade de pesquisa qualitativa. Por se tratar de um tipo de pesquisa que parte das observações sutis o onde quem pesquisa escolhe os dados que mais completam os padrões de comportamento e procedimentos sociais, por isso um estudo exploratório foi essencial para definição do problema e constituição das teorias e da análise a partir de categorias tais como: pesca, feira, comercialização

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adiantópolis

UF: AM

Telefone: (02)3305-1181

CEP: 69.087-070

Município: MANAUS

E-mail: oep.ufam@gmail.com





UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 5.798.036

experiência casual, sem que se tenha determinado de antemão quais os aspectos relevantes a serem observados" e qual meios devemos utilizar para observá-los e para isso, incluiremos como apoio a pesquisa etnográfica. As falas dos pesquisados, serão gravadas, transcritas e tabuladas em uma planilha no programa Excel e Windows. Os que não aceitaram que a entrevista fosse gravada, foram tabulados mesmo assim, já que a pesquisadora descrevia as informações no formulário semiestruturado. A amostra é de 30 participantes com idade a partir de 18 anos desde que frequentem o local da pesquisa e estejam diretamente relacionadas à prática da comercialização do pescado, seja como vendedores, despachantes, donos das embarcações, donos das bancas de peixe.

Tamanho da Amostra no Brasil: 30

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Trata-se de um Projeto de mestrado, do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, intitulado de "Feira da Panair e as interdependências na negociação do pescado", pesquisadora Elisângela Monteiro Teixeira. Orientador Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos. pesquisa de campo será de abordagem quantitativa e qualitativa. A primeira "lida com números, usa modelos estatísticos para explicar os dados" e a qualitativa que "evita números, lida com interpretações das realidades sociais". Tem como objetivos: Analisar as interdependências na negociação do pescado na Feira da Panair na cidade de Manaus; 1- Situar a feira histórica, cultural e economicamente; 2- Destacar o processo do pescado de subsistência, proteção de espécies e profissionalização da atividade; 3- Registrar a fala dos atores sociais quanto sua participação na dinâmica figuracional da feira. A análise do material do formulário semiestruturado e, da observação serão organizados em tabelas no formato Excel e Word para a sistematização e análise dos dados. E desse modo, os elementos, também serão transcritos, estudados, levando em conta o referencial teórico empregado, relacionando-os qualitativamente a partir da fala dos participantes da pesquisa para esclarecer se o que foi desenvolvido, responde o problema de pesquisa.

Concerente à documentação obrigatória apresentada ao CEP, registra-se que:

FOLHA DE ROSTO: APRESENTADA E ADEQUADA;

PROJETO DE PESQUISA: APRESENTADO E ADEQUADO;

TGLE: APRESENTADO E ADEQUADO (ver item "Recomendações");

RISCOS E BENEFÍCIOS: APRESENTADOS E ADEQUADOS;

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: APRESENTADOS E ADEQUADOS;

INSTRUMENTO DA PESQUISA: APRESENTADO E ADEQUADO (ver item "Recomendações");

CRONOGRAMA: APRESENTADO E ADEQUADO – Coleta de Dados, de 01 a 30/12/2022;

Endereço: Rua Teixeira, 4950

Bairro: Adrianópolis

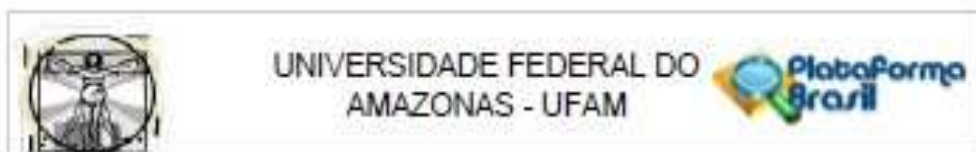
CEP: 69.067-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (02)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.796.036

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2032792.pdf	19/10/2022 00:35:52		Aceito
Parecer Anterior	Parecer.pdf	19/10/2022 00:34:52	ELISANGELA MONTEIRO TEIXEIRA	Aceito
Outros	Formulario_de_entrevista.pdf	19/10/2022 00:31:42	ELISANGELA MONTEIRO TEIXEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	19/10/2022 00:29:49	ELISANGELA MONTEIRO TEIXEIRA	Aceito
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCE.pdf	19/10/2022 00:28:26	ELISANGELA MONTEIRO TEIXEIRA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	19/10/2022 00:27:02	ELISANGELA MONTEIRO TEIXEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 07 de Dezembro de 2022

Assinado por:  
Eliana Maria Pereira da Fonseca  
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Teixeira, 4050

Bairro: Adiantópolis

CEP: 69.067-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (00)3305-1101

E-mail: cep.ufam@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 5.796.000

**ORÇAMENTO:** APRESENTADO E ADEQUADO (financiamento próprio no valor de R\$ 1.440,00).

**Recomendações:**

**TCLE:** Recomenda-se à pesquisadora a inclusão do timbre institucional no documento.

**INSTRUMENTO DA PESQUISA:** recomenda-se incluir cabeçalho institucional e breve apresentação da aplicação da entrevista semiestruturada às questões apresentadas; recomenda-se ainda à pesquisadora que corrija a redação na questão de nº 9, de PECARIA para PESCARIA ("O senhor pecaria se estivesse sozinho?").

Pesquisador(a) esclareça suas dúvidas, consultando a página do CEP em [www.cep.ufam.edu.br](http://www.cep.ufam.edu.br)

Este CEPI/UFAM analisa os aspectos éticos da pesquisa com base nas Resoluções 466/2012-CNS, 510/2016-CNS e outras complementares. A aprovação do protocolo neste Comitê **NÃO SOBREPÕE** eventuais restrições ao início da pesquisa estabelecidas pelas autoridades competentes, devido à pandemia de COVID-19. O pesquisador(a) deve analisar a pertinência do início, segundo regras de sua instituição ou instituições/autoridades sanitárias locais, municipais, estaduais ou federais.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A proposta em questão apresenta relevância social e científica no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, com tema de expressão no âmbito da pesquisa científica.

Diante do exposto, somos de parecer pela **APROVAÇÃO** do projeto (**FAVOR CORRIGIR O QUE SE SOLICITA NAS RECOMENDAÇÕES**), pois o pesquisador **CUMPRIU INTEGRALMENTE** com as determinações da Resolução 466/12 no que concerne aos termos de apresentação obrigatória, acima mencionados. Este CEPI/UFAM analisa os aspectos éticos da pesquisa com base nas Resoluções 466/2012-CNS, 510/2016-CNS e outras complementares.

**Atenção!** O pesquisador deve enviar por Notificação os relatórios parciais e final. (Item XI.d. da Res 466/2012-CNS), por meio da Plataforma Brasil e manter seu cronograma atualizado, solicitando por Emenda eventuais alterações antes da finalização do prazo inicialmente previsto.

BMJ

É o parecer

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Rua Teixeira, 4050

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Telefone: (02)3305-1181

CEP: 69.067-070

Município: MANAUS

E-mail: [cep.ufam@gmail.com](mailto:cep.ufam@gmail.com)



 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CEP/UFAM <b>FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SÉRIES HUMANAS</b>			
1. Projeto de Pesquisa Título da Pesquisa e sua interdependência:			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 30			
3. Área Temática: <u>Faixa da Pucará e sua interdependência nos municípios de Tucuruí</u>			
4. Área de Conhecimento: <u>Grande Área 7 Ciências Humanas</u>			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: ELISANGELA MONTEIRO TEIXEIRA			
6. CPF: 505.380.372-73	7. Endereço (Rua, n.º): JUCARINA FLORES MANUS AMAZONAS 19075-000		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 9288381947	10. Celular/Telefone: 994369.1649	11. E-mail: monteiro.suzanna@gmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a garantir a integridade, segurança e favorabilidade (R&amp;D). Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Termo ciência que esta folha será anexada ao projeto, devidamente assinado por todos os responsáveis e faz parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>13</u> / <u>10</u> / <u>2022</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal do Amazonas - UFAM	13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia	
15. Telefone: (92) 3205-4580	16. Celular/Telefone:		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável:	<u>Prof. Dr. Nelson Matos de Noronha</u> CPF:	<u>CPF: 182.441.902-30</u>	
Carga/Função:	<u>Coordenador do PPGSCA</u>		
Data: <u>14</u> / <u>10</u> / <u>2022</u>		 Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia Prof. Dr. Nelson M. de Noronha Coordenador Assinatura	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica			

Apêndice A- Formulário de entrevista utilizado na Feira da Panair

### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA/TERMINAL PESQUEIRO

**Dissertação:** Figuração da comercialização do pescado na Feira da Panair na cidade de Manaus-AM.

**Pesquisadora:** Elisangela Monteiro Teixeira

**Orientador:** Prof. Dr. Glaucio Campos Gomes de Matos

**Sujeitos da Pesquisa:** **PESCADORES, DESPACHANTES, PROPRIETÁRIOS DE EMBARCAÇÃO** do Terminal de Carga Geral e Pesqueiro da cidade de Manaus.

**Local da pesquisa:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Formulário de Pesquisa nº** \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Função/setor: \_\_\_\_\_

Homem ( ) Mulher ( ) Bairro em que mora \_\_\_\_\_

Local de origem \_\_\_\_\_

1-Qual a quantidade de barcos que atraca no terminal pesqueiro?

\_\_\_\_\_

2-Qual o horário de funcionamento do Terminal pesqueiro

\_\_\_\_\_

3-Quem é o responsável pelo terminal pesqueiro?

\_\_\_\_\_

4-Qual a função do despachante no Terminal pesqueiro ou porto de desembarque?

\_\_\_\_\_

5-Qual a quantidade de peixe é desembarcada no Terminal pesqueiro?

\_\_\_\_\_

6-Qual o tamanho dos peixes comercializados no porto de desembarque?

\_\_\_\_\_

7-Quais os tipos de peixes capturados?

\_\_\_\_\_

Depende da época? \_\_\_\_\_

8-O que os donos dos barcos fazem após a venda pescado?

\_\_\_\_\_

9-Moram no barco nesse período? Sim ( ) Não ( ) Por quanto tempo?

10- Se não conseguem vender todo o pescado, o que fazem com sobra?

---

11- Qual a safra estimada?

---

## Apêndice B- Formulário de entrevista utilizado na Feira da Panair

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA/FEIRA DA PANAIR**

**Projeto:** Figuração da comercialização do pescado na Feira da Panair na cidade de Manaus-AM.

**Pesquisadora:** Elisangela Monteiro Teixeira

**Orientador:** Prof. Dr. Glaucio Campos Gomes de Matos

**Sujeitos da Pesquisa:** **FEIRANTES** da Panair

**Local da pesquisa:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Formulário de Pesquisa nº** \_\_\_\_\_

**Nome:** \_\_\_\_\_

Homem ( )                      Mulher ( )

Bairro em que mora \_\_\_\_\_

Local de origem \_\_\_\_\_

Ramo/atividade \_\_\_\_\_

Tempo de atividade \_\_\_\_\_

1- Qual o horário de funcionamento?

2-Para quem é vendido o pescado desse local?

3-De onde é trazido o pescado?

4-E quem são os compradores?

5-Qual o horário de funcionamento da feira nos boxes externos?

6-Quem são os compradores?

7-Quem coordena ou administra os horários de funcionamento?

8- Costuma seguir o horário de funcionamento?

9- Como faz para conseguir trazer os produtos para a revenda?

10- Em sua opinião é importante o trabalho na feira? Consegue sobreviver desse ramo?

11- Quantas pessoas da sua família atuam na feira?

12- Com quem aprendeu a atividade?

## ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA/FEIRA DA Balsa FLUTUANTE

**Projeto:** Figuração da comercialização do pescado na Feira da Panair na cidade de Manaus-AM.

**Pesquisadora:** Elisangela Monteiro Teixeira

**Orientador:** Prof. Dr. Glaucio Campos Gomes de Matos

**Sujeitos da Pesquisa:** FEIRANTES do Flutuante de Madeira

**Local da pesquisa:** \_\_\_\_\_ **Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Formulário de Pesquisa nº** \_\_\_\_\_

**Nome:** \_\_\_\_\_

Homem ( )                      Mulher ( )

Bairro em que mora \_\_\_\_\_

Local de origem \_\_\_\_\_

Ramo/atividade \_\_\_\_\_

Tempo de atividade \_\_\_\_\_

2- Qual o horário de funcionamento?

\_\_\_\_\_

2-Para quem é vendido o pescado desse local?

\_\_\_\_\_

3-De onde é trazido o pescado?

\_\_\_\_\_

4-E quem são os compradores?

\_\_\_\_\_

5-Qual o horário de funcionamento da feira nos boxes externos?

\_\_\_\_\_

6-Quem são os compradores?

\_\_\_\_\_

7-Quem coordena ou administra os horários de funcionamento?

\_\_\_\_\_

8- Costuma seguir o horário de funcionamento?

\_\_\_\_\_

9- Como faz para conseguir trazer os produtos para a revenda?

\_\_\_\_\_

10- Em sua opinião é importante o trabalho na feira? Consegue sobreviver desse ramo?

\_\_\_\_\_

11- Quantas pessoas da sua família atuam na feira?

\_\_\_\_\_

12- Com quem aprendeu a atividade?

\_\_\_\_\_

13- Exerce outra atividade?

\_\_\_\_\_



14- Como compreende a comercialização da pesca na feira e no porto?

---

15- Qual a logística de venda dos produtos? Como adquirem?

---